

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

Uma grande obra de política social

deve-se já hoje ao Estatuto do Trabalho Nacional

— segundo o dr. França Vigor

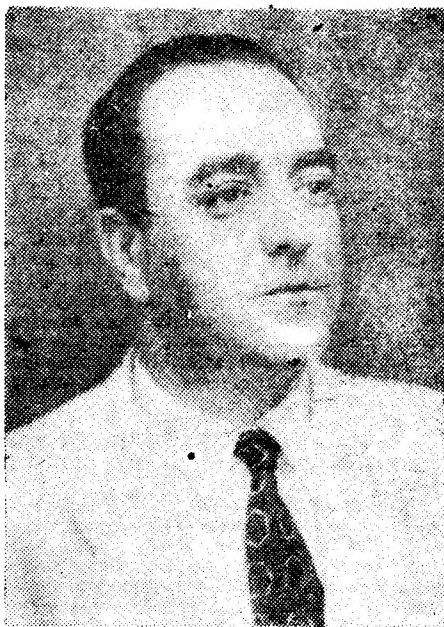
Este debate sobre valor e fundamento de sistema corporativo continua aberto. Propósito? O de esclarecer um tema que interessa ao país inteiro. A tendência geral da opinião é no sentido de responsabilizar os «grêmios» — incluindo nesta designação particular todas as unidades e graus do sistema corporativo — pelas dificuldades que todos sentimos e sofremos. Até onde está a razão de ser desse juízo? Na própria essência do sistema? No seu funcionamento? E a essas perguntas que este debate visa a responder e, para que a discussão seja esclarecedora, apenas se reclama que o debate seja mantido com a serenidade e elevação que não dispensa a exposição de ideias: o máximo de raciocínio, o mínimo de paixão. O depoimento de hoje é do sr. dr. Manuel França Vigor, funcionário das Corporações, ardente propagandista do corporativismo e candidato a deputado à próxima legislatura, na lista apresentada pela União Nacional.

O ataque ao sistema corporativo

Logo de entrada, o sr. dr. França Vigor diz-nos com clareza:

— Vejo que continuamos com a mesma ordem do dia dos trabalhos da oposição: ataque cerrado à organização corporativa. No sábado foi a entrevista do sr. Sá Cardoso, distinto engenheiro, e, na segunda-feira, a do dr. Jacobetty Rosa, também distinto contabilista, que prestou gostosamente a sua dedicada colaboração à montagem dos serviços de estatística da Federação dos Vinicultores e da Federação dos Produtores de Trigo. Tanto numa como na outra não faltaram as acusações, tão apaixonadas como mal fundamentadas. A desembarçada semcerimónia com que aparece tratada a verdade dos factos, leva-nos facilmente à conclusão de que se não teve em vista senão demolir e desacreditar...

— Gostaríamos de ouvi-lo acerca dos reparos feitos ao Estatuto do Trabalho Nacional... — Vou apenas fazer uns ligeiros comentários à entrevista do dr. Jacobetty Rosa, porque, mais cautelosa e mais reticente, rompe com a tática da condenação sistemática e incondicional usada pelos seus predecessores neste largo debate. Mas, apesar da sua atitude de deliberada prudência mental, não deixou o dr. Jacobetty Rosa de lavar uma sentença de morte, quando afirmou que «o Estatuto do Trabalho Nacional tem sido para o trabalhador uma



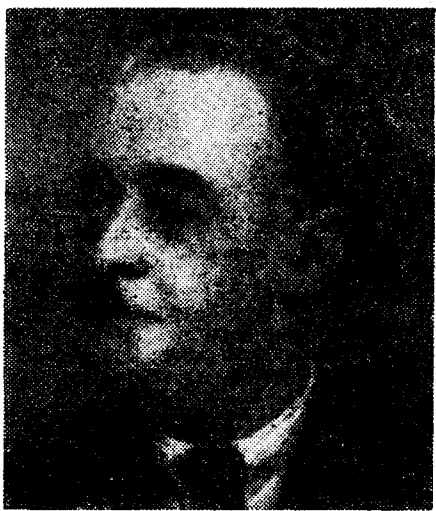
DR. FRANÇA VIGOR

vaga e vã promessa e para o mau patrão uma poderosa e cómoda arma posta ao serviço dos seus interesses». Ora a verdade é que as realizações que têm por base o Estatuto do Trabalho Nacional constituem, já hoje, uma grande obra de política social! E chega a duvidar-se como pode alguém estar, realmente, conven-

(Continua na 11.ª pag.)

A reunião do Centro Almirante Reis

foi um acto de grande alcance nacional e político
que devia servir a «conciliar a família portuguesa»



DR. RAMADA CURTO

Fala hoje o dr. Ramada Curto. Eis um homem que, desde longe, dos tempos da capa e batina, serviu, com devoção e beleza espiritual, a ideia pura da democracia. Orador de extraordinário virtuosismo, como António José de Almeida, Alexandre Braga e outros, ele é, também, uma força construtiva de acção inovadora. Duas vezes ministro soube honrar o lugar, sem esquecer os seus princípios, as suas doutrinas. Situado, nas primeiras eleições republicanas, à esquerda do hemiciclo parlamentar, sincera e honestamente, evoluiu para o socialismo, cujo partido durante longo tempo tem orientado. As reivindicações das classes operárias encontraram sempre nele um denotado paladino, de inteligência limpa e de corajosa fé, que nada pede, — nem retribuição, nem consagração.

Nestes ultimos tempos, devido às circunstâncias,

— diz-nos o dr. Ramada Curto

cias, o dr. Ramada Curto tem sido mais escritor e dramaturgo de que político. Este, porém, volta à liça, franco e desassombrado como sempre, manejando, com mão de mestre, as peças de um processo em curso:

Um acto de alcance nacional

— Que pensa sobre a iniciativa da reunião do Centro Almirante Reis?

— Pensei, logo, que dela tive conhecimento, que era um acto de grande alcance nacional e político que serviria, numa frase consagrada pelo uso de muitos anos, para «conciliar a família portuguesa» definitivamente. Porque descontei logo que veria nos jornais do dia seguinte a «nota officiosa» em que o Governo aceitava o alvitre, por assim dizer, às mãos ambas. O que me levava a pensar assim era o facto de, em muitos anos, eu não ter lido e ouvido outra coisa mais do que a afirmação de que a actual situação política, tinha salvo Portugal dum abismo; que a nação estava próspera, feliz, contente, orgulhosa, e respeitada, que os mais instantes problemas estavam aplanados, a miséria diminuída, as classes reconciliadas, o Espírito prestigiado, o Futuro garantido e fácil. E que tudo isto era incontroverso, axiomático, evidente. A evidência não se discute, os axiomas não se demonstram. Ambas as coisas se «consagram».

— O que seriam, portanto, as faladas eleições «livres»?

— Em meu entender a apoteose final! Seriam o país inteiro a aplaudir, a sancionar, a agradecer — a consagrar, emfim, Apareceria uma ínfima minoria a votar contra? Incidente burlesco, manifestação irrisória de estúpidos ou mal intencionados, coisa que faria sorrir com a benevolência dos fortes, a unanimidade do país. De modo que me surpreendeu imenso a rejeição, por parte do poder publico, da proposta dos homens de Almirante Reis. Não compreendi, nem compreendo. Posso atribuir o caso a modestia, isenção, orgulho que desdenha até a manifestação de concordância e de apoio? Não sei. E não me admiro de não saber. Há vinte anos que perdi o hábito de apreciar estas coisas, quer pela palavra, quer pela escrita. Não podendo falar nem escrever, o espírito entorpeciu-se. Não sei pensar.

Ataraxia e apatia

— Não diga isso!

— Acredite! A inteligência faz tem-tem como

as crianças quando principiam a andar. Há uma palavra grega que exprime isto e é «ataraxia». E há outra que é a sua resultante: «apatia». Mas, com assombro vejo que o país não está «apático». Que reúne, que fala, que proclama, que reage! Afinal, reconheço que não li bem durante vinte anos, que não ouvi bem, e pergunto a mim mesmo: mas porque é, afinal de contas, que se não fazem as eleições?

O pedido de eleições livres

— Os socialistas a que o doutor presidiu o que pensam?

— Perdão. Neste caso não há socialistas nem

(Continua na pag. seguinte)

O «DIÁRIO DE LISBOA» NA ITÁLIA (3)

Veneza está intacta

e diverte-se com a profusão
de fardas que a povoam

(Uma reportagem de PIERRE FREDERIX)

Apeamo-nos do carro perto da «Stazione Marittima», onde termina a auto-estrada de Mestre. Impressionantes M. P., de capacete branco, policiam diante da «Autorimessa». A' direita, flechas indicando: Lido Steamers. A' esquerda, no rio Nuevo, os gondoleiros de sempre carregam-nos as bagagens. O Town Major está instalado perto do Rialto: sorrisos, bilhetes de alojamento válidos para dois dias de férias.

No Grande Canal, pregados nos postes acastanhados, vêem-se cartazes: «M. Q. 86 Area» ou «Speed Limit, 8 miles p. h.». Porquê esta velocidade

de máxima de 13 quilómetros á hora? Ninguém pensa em se apressar. Há menos vapores-omnibus que outrora e já não há botes eléctricos nem vedetas a gasolina. Magníficos oficiais, quélpis britânicos, bonés americanos, ocupam vedetas. Alguns «Union Jack» ou bandeiras estreladas flutuam discretamente nas janelas do palácio. Nas gondolas vêem-se soldados de licença que se deixam vogar: descendentes de lord Byron e dos negros do Alabama, índios de turbante, e G. I. de Little Rock (Arkansas). Nada os

(Cont. na 9.ª pag.)

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

As declarações do dr. Ramada Curto

(Continuação da pag. anterior)

não socialistas. Essas coisas ficam para depois, para quando voltassem, e se voltassem os Partidos. Aqui trata-se de portugueses que vão desde os monárquicos liberais como o visconde de Chanceliers, até ao esquerdismo mais vincado. Este pedido de eleições livres pode ser perfilhado por todos os tradicionalistas portugueses—é claro que, tradicionalistas depois da Convenção de Évora Monte para cá. Eu creio que para aplaudir os homens de Almirante Reis não preciso para nada de ser socialista. Se bem que seja aos trabalhadores, que não têm mais nada a seu favor senão o número, a quem o sufrágio livre mais interesse e melhor sirva. Eu basta-me para tanto, ser tradicionalista à minha maneira. Meu bisavô era o Veterano da Liberdade, António da Silva, grã-cruz da Torre e Espada e compadre do duque da Terceira, e meus tios-avós estiveram nas prisões de Almeida.

—E o dr. Ramada Curto?
—Eu, aos 26 anos, votava a Constituição de 1911. E' certo que dos trinta e nove por diante nunca mais votei coisa nenhuma. Para o ano faço sessenta—e logo que possa votar, voto, escolho, elejo, quem me parecer. Atinjo, de novo, a maioria.

—Continua então aferrado aos seus princípios?

—Mas não podia deixar de ser. A minha geração académica foi a última antes da maurassiana—a que foi educada pelo Maurras, aquele detestável velho que está agora preso em França, por traidor ao seu país e envenenador de cabeças de jovens. Eu sou um irredutível «primário». A minha metafísica baseia-se na aritmética, no número. Não preciso do Maurras, nem do Hegel, nem do Sorel ou do Nietzsche, para informar o meu pensamento político. Basta-me o Pitágoras, que foi o inventor da tabuada. Bem sei que não é brilhante, não é artístico, não é de homem de elite. É uma filosofia quantitativa. Não direi que é positiva porque a Comte estragou a palavra. É uma filosofia baseada na que se pode medir e contar—que é a única coisa certa. E não me embaraça aquela dos inferiores escolherem os superiores. Os «inferiores» são, as mais das vezes, superiores aos que como tal se julgam e «narcisam».

E o Leviatan, o Super-Homem, o Bom Tirano—são criações da fantasia dos filósofos. Não há.

Organize-se o numero

—E' então pelo numero!
—Não é o que está na moda?
De resto, nada impede que se organize o «numero». Com os numeros fazem-se muitas coisas. Mas todo o «organismo» se tem de basear no numero, no conjunto das unidades. O sistema de eleições pode variar, a organica dos parlamentos pode revestir as formas mais diversas, as relações entre executivo e legislativo estabelecerem-se de forma a dar mais util rendimento, tudo se pode e deve tentar. Eu estou muito longe de depôr as minhas esperanças em parlamentos de zaragata ou de verrina. Mas creio, como todo o mundo hoje crê, depois duma experiência crucial e terrível, na liberdade e na democracia. O resto são sub-ideais patológicos de certas épocas da História, na luta antiga entre a liberdade e a autoridade sem freio.

Os homens que em 1926 tinham vinte anos, têm hoje quarenta. E' preciso dar ensejo a que sejam úteis e sirvam o País. Os velhos como eu, cá estão para os aplaudir e para os ajudar se precisarem. Os homens da Republica tiveram erros—mas não cometeram crimes. Tiveram também muito pouca sorte, pela época conturbada que atravessaram, pelo desvario das paixões próprias e o ódio terrível dos adversários—os eternos adversários da Liberdade. E' certo que a Liberdade tem os seus perigos. A's vezes, diz o Ariosto, que parece uma serpente furiosa, silva, morde, mete medo. Mas para quem não perdeu a Fé nela e não esquece, nesses momentos, a sua natureza de fada benéfica, é ela que tem feito e fará o progresso e a bondade do mundo.

Virtudes da Liberdade

E o illustre caudico prossegue, chama ardente de pensamento, sempre yasad, na melhor forma!

—Eu não odeio ninguém. Nunca caluniei, nem nunca injurei um adversário. Dêem-me a liberdade de continuar a ser como sou. Punam severamente a calunia e a mentira—mas deixem-me proclamar a minha Verdade, quanto mais não seja para me convencerem do meu erro, como é próprio da natureza humana. So. Se eu recordar com saudade e admiração

António José de Almeida, Afonso Costa, Alvaro de Castro, Estêvão de Vasconcelos, e tantos outros, deixem-me confessar a minha admiração pelo que eles eram e pela sua obra, onde houve grandes coisas, misturadas com erros, como é próprio da sua tarefa humana. Nada me custa a confessar também, quando se dê o caso, que um adversário é um homem sincero e inteligente—mas que detesto as suas doutrinas velhas, falsas, e já experimentadas e sempre vencidas.

—E quanto à obra da situação, a planos que a modifiquem?

Os juizes da História

—E' ingénuo exigir que todos e cada um dos individuos que não são partidários da situação tragam aos jornais, em entrevistas e artigos, a critica a uma obra que durou vinte anos e um plano de governo para substituir o que acham mal. Esse trabalho pertence à Nação quando o puder fazer. Por mim penso que se é ridícula a apologética, exaltada, é odiosa a diatriba sistemática. Na obra da situação há-de haver, como em toda a obra humana, coisas boas, coisas sofríveis e coisas péssimas. Os juizes da História são sempre contraditórios. As coisas variam segundo a cor das lutas através das quais se vêem.

Camilo derrancou o marquês de Pombal, mas isso não impede que lhe tenham feito uma estátua—que foi também uma grande maldade.

—O que opina—então?

—Eu creio que a virtude deverá estar no meio quanto ao marquês, porque não fui seu contemporâneo. Impossível se me torna negar que a Situação tem uma obra e é exactamente o direito de criticar e de a julgar que a Nação reivindica. Será necessário fazer a triagem do bom e do mau e quer num, quer noutro aspecto, fazer a parte de que se deve a aca-sos felizes ou a circunstâncias prejudiciais. A maior satisfação que pode ter um homem publico é se, desse balanço, resultar um saldo positivo. Terminado o balanço e na hipótese de se verificar esse saldo credor, eu faria, timidamente, ainda esta observação:—pois sim; mas talvez se pudesse conseguir isto mesmo com outros métodos. A menoridade política e social dum povo é um preço exagerado e perigoso, nos países já de si, fracos de nível intelectual e cívico: a função faz o órgão e

uma absoluta imobilidade traz consigo a anquilose dos membros e uma deformação permanente. E isto é um acto, só por si inexplicável!

Não podemos viver isolados

—Quanto às eleições?
—Já disse o bastante para justificar a necessidade de eleições livres.

De resto é ingénuo supor que o País possa viver isolado do mundo, só sabendo dar palmas e queimar incenso e de cadeado na boca. Eu não tenho nem quero ter futuro político. Aguardo, como é meu dever, o primeiro Congresso do meu Partido, para lhe pedir que me deixe pagar a cotização partidária e me arrume na sala das relíquias, pedindo-lhe que me desculpe o mal que servi os seus ideais. Resta-me a consciência de os ter servido exactamente quando havia poucos a fazê-lo. Mas, meu amigo, como diz o ditado «quem andou não tem para andar». O que quero ser e sei sempre, é advogado e, a propósito, vou dizer-lhe, já que me pediu críticas—e só porque este assunto o conheço bem—que a reforma das instituições judiciárias de há quinze anos a esta parte, tem sido um desastre. A oralidade nos processos, só quem a conhece de perto é que pode avaliar o que é, —O preço da justiça... —E' despropósito!

As incertezas dos julgados, por vezes, arripiam. Os novos códigos, monumentos de saber abundante, fazem imensa saudade dos antigos. Os magistrados, vivem uma vida de escravos, sem regalias, julgando feitos, de alta investigação a la minute. A justiça é apenas uma fonte de receita eventual. A minha profissão, que foi alta e nobre, está muito diminuída nas suas legítimas prerrogativas. Só, de facto, o carolismo, a noção dos deveres, a honestidade dos nossos juizes, é que tem permitido guardar a decorum da mais alta função duma sociedade civilizada. E foquei este caso, porque é o meu—o que me interessa. Creio que por outras províncias «da publica administração» os aspectos não são melhores. E a fechar: —Bem sei que a critica é fácil, mas, se vamos a isso, nunca em Portugal, foi tão fácil a critica—a mais objectiva e sincera. E nem se diga que isto é paixão ou má-fé. Repare-se que a critica recai sobre uma obra de vinte anos—que a não teve. Abunda, portanto, a matéria criticável.

TEATROS E CINEMAS

EFEMÉRIDES

1873: Francisco da Costa Braga, Cesar de Lacerda, Joaquim Augusto de Oliveira, Carlos Borges e Sousa Bastos, lançam as bases duma associação de classe de autores teatrais, que nunca se organizou.

Aniversários natalícios: o jornalista e escritor teatral Rafael Ferreira; a bailarina Lina Duval (Carolina Rosa da Silva); a actriz Miquelina Rodrigues (Miquelina Rodrigues Pedrosa Gil Ferreira); o actor Julio Martins (Julio Augusto Schenk Martins).

Atrás do reposteiro

E' na próxima sexta-feira que sobe á cena, no Sã da Bandeira, do Porto, a revista «Viva o Porto!», para inauguração da época de inverno.

—No proximo ano, quando a companhia Rosa Mateus se deslocar ao Porto, o Maria Vitoria será explorado durante dois meses por uma grande companhia de «music-hall», organizada por um dos nossos agentes artisticos.

—Regressou do Bom Jesus, onde es'teve a gozar as suas férias, o escritor teatral Almeida Amaral.

—As atracções, Orquestra Manolo Bell, Julio Genero-Roma Tabeni e Yvonne et Ferrar foram contratadas para Portugal, por intermedio da agencia Carlos Dubini.

—Do elenco da companhia de circo que vai inaugurar a época de inverno no Coliseu e que faz a sua estreia no proximo sabado, faz parte o domesticador capitão Armand Guerra, com as suas focas amestradas.

—Reaparece brevemente numa das nossas casas de espectáculo a bailarina Vicentita Fuentes.

—A opereta em 2 actos «A vida é um sonho», original de Jorge Costa e Fernando Paixão, tem musica do compositor Gama Lobo.

—Ainda esta época será apresentada numa das nossas casas de espectáculo uma companhia de luta livre.

Inaugura-se hoje, no Parque Mayer

a nova casa de espectáculos Lisboa-Music-Hall

Com um colossal programa de atracções nacionais e estrangeiras, inaugura-se hoje, ás 21 e 45, a nova casa de espectáculos «Lisboa-Music-Hall», situada no Parque Mayer. Do elenco fazem parte a popular vedeta da radio Maria Sidonio, no seu novo repertorio, actriz do teatro ligeiro Mariamélia, a cantora da Emissora Nacional Maria Lemos, o conjunto vocal Irmãs Tavares, o cantor Tony Marques, o Trio Excêntrico de Variedades e as artistas Branca Velez, Renato Chaves e Samuel Maia. Nas atracções «estrangeiras» figuram: Mary Merche, grande animadora e vedeta de «jazz», a bailarina classica Itamar, a cantora e rumbista Luiza Garriga e a bailarina de grande classe Pepita Marco, que pela 1.ª vez trabalha em Portugal. Há ainda o violinista de «jazz» José Puertas com a sua orquestra e a vocalista Cecilia Mellé, e a aplaudida Orquestra Caravana. O animador do espectáculo é o conhecido artista animador Daniel Martins.

CARTAZ

TEATROS

TRINDADE—A's 21 e 45—«Miss Ba».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A Vitória».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Alto lá com o charuto».
APOLO—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Nazaré».
LISBOA «MUSIC-HALL»—A's 21 e 45.

CINEMAS

S. LUIZ—«O super-homem».
TIVOLI—«O professor Smith».
EDEN—«Até á vista».
POLITEAMA—«Suprema decisão».
GINASIO—«O lago dos sonhos».
OLIMPIA—«A garra vermelha».
ODEON—«Os misterios da vida».
CAPITOLIO—«Bucha e Estica, mestres de dança».
PALACIO—«Os misterios da vida».
REX—«O vagabundo».
TERRASSE—«O bom pastor».
LYS—«A vizinha do lado».
PROMOTORA—«Encontraram-se á noite».
JARDIM—«A menina da Rádio».
SALAO IDEAL.

Ema & Beatriz

R. DO CARMO, 60, 2.º, ESQ.

Tel. 22626

A partir de amanhã, apresenta ás suas Ex.ªs clientes a sua colecção de chapéus modelos.

CASA REGIONAL DA ILHA DE
os mais lindos bordados
4-R. PAIVA DE ANDRADE-4A TEL. 25974

SOUZA

Apresenta as mais altas novidades em SÉDAS SUIÇAS, ESTAMPADAS E LISAS, LÃS, LINGERIES, RENDAS, ÉCHARPES, LENÇOS, MALAS, CARTEIRAS, LUVAS, SOMBRINHAS, BIJOUTERIAS E MEIAS.

—0-0—

Brevemente realiza uma passagem dos mais deslumbrantes modelos parisienses.

Entrada só por convite pessoal e intransmissível.

CHIADO, 76-78

Telefone 29101

LISBOA



RETIRO DOS MARIALVAS

Empresa José Miguel
RUA DA BARROCA
T. 25676



Hoje, ás 21, grandioso espectáculo extraordinário para apresentação dos entre-actos «HEROIS NO DEVER», de Abel P. de Araújo, e «AMOR VINDIMADO», do saudoso Francisco dos Santos. Fados pela revelação de 1945 CIDALIZA DO CARMO, Fernanda Santos, Tristão da Silva, José Nunes e Miguel Ral.

Cidaliza do Carmo mos. ENTRADA, 2\$50. Marcam-se mesas. Amanhã, uma grandiosa surpresa!

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS, vias urinarias—Venero—Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9. 1.º, ás 15 horas

Telefone 2 9062

TAYLOR'S PORT

E o vinho dos Reis
e o Rei dos vinhos

Vinho do Porto e Brandy

CORRÊA RIBEIRO

A' venda em toda a parte

Agente C. CALDERON DINIZ

Alameda D. Afonso Henriques, 76-A

Telefone: 51764

BORDADOS e ALTA COSTURA

INVERNO 1945 e 1946

RUA DOS SAPATEIROS, 139, 3.º-D.

LISBOA — Telef. 23754

SOUZA

Comunica às suas Ex.^{mas} Clientes que o numero do seu telefone privativo passou a ser 29101.

CERVEJARIA ARTISTICA

Rua de Alcantara, n.º 1
NOITE DE SELECÇÃO



Hoje, com a distinta actriz **MARIANA CHAGAS**, **LOUBET BRAVO**, cantor, a juvenil e castiça **Maria José**, o arrebatador **Julio Vieitas**, o extraordinario enviado da boa disposição **José de Freitas**, Sua Ex.^a Freitinhos «ainda há mais!»... e os magníficos artistas, em guitarra e viola, **Raul Nery** e **Fernando Reis**, passa-se uma noite inesquecível, na encantadora Sala, da acreditada Cervejaria Artistica. Aquela Cervejaria Artistica, que não embelezou o seu vestido de noiva, mas ainda é mais simpática, por ter cuidado, a fundo, do seu enxoval interno, e quem lá entrar fica admirado com o que vê e com a gentileza, como são recebidas todas as pessoas do encantador Bairro de Alcantara. Cervejaria Artistica é uma honra para o tradicional Bairro de Alcantara.

Artes Decorativas
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
LOJA-CASA-RESTAURANTE



Berta Cardoso

Monumental

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11
NOITE DA MODA



Frutuoso França

Em ambiente de elegancia e arte, **BERTA CARDOSO**, artista privilegiada, na arte de cantar, muito bem cognominada, voz d'ouro da Canção Nacional. **MOISÉS CAMPELOS** (cantor de magnifica categoria), **Henriqueta d'Almeida**, o fogoso **Frutuoso França**, **Ida Guerreiro**, **Julio Peres** e o ás do Ala-Arriba, **Alberto Cardia**. Guiarradas pelos distintos **Carvalhinho** e **Pais da Silva**. E' de bom gosto frequentar o **MONUMENTAL**.



Moisés Campelos



Alberto Cardia

CRISTAL

BAR - DANCING DA MODA

Hoje e todas as noites às 23 h.

Estreia da bailarina **MARI SOL**

que vem enriquecer o elenco de excepcional categoria que todas as noites se exhibe e de que fazem parte

MARLENE YANWEY — **RORITA MONTAÑA**
VERA FREY **DINA LUPI** **MANOLITA CONDE**

e as orquestras portuguesas **SOUZA PINTO** e **CRISTAL**

E' o melhor programa de variedades que se exhibe em Lisboa!

Victoria BAR
PARQUE MAYER

Animação! Atracção! Alegria!
Grande sucesso neste Dancing
Orquestra **MARILISA**
AMANHÃ e todos os Domingos, de tarde
CHA'S DANÇANTES
Admissão seleccionada

LISBOA - MUSIC - HALL

(PARQUE MAYER)

com um grande programa de atracções nacionais e estrangeiras

A querida e popular vedeta da rádio

MARIA SIDÓNIO

no seu novo repertório

MARIAMÉLIA
aplaudida actriz do teatro ligeiro
MARY MERCHE
grande animadora e vedeta de jazz
ITAMAR
interessante bailarina clássica

MARIA LEMOS
brilhante cantora de rádio
DANIEL MARTINS
imitador e animador do espectáculo
LUISA GARRIGA
cantora e rumbista

A bailarina de grande classe
● **PEPITA MARCO** ●
que se estreia em Portugal

IRMãs TAVARES **TONY MARQUES**
conjunto vocal folclórico o vagabundo da canção

Os artistas de variedades

RENATO CHAVES - **BRANCA VELEZ** - **SAMUEL MAIA**
e o **TRIO EXCÊNTRICO DE VARIEDADES**

O violinista de jazz **JOSÉ PUERTAS** com a sua
orquestra e a vocalista **Cecília Mellé**

A aplaudida **ORQUESTRA CARAVANA**

LISBOA - MUSIC - HALL vai ser o ponto do reunião
do público elegante de Lisboa

Marcação e bilhetes na bilheteira do Pavilhão Português

MARIA VITORIA telefone 22746
2 sessões: 20.30 e 22.45
A VITÓRIA
Revista popular com a vedeta **LUISA SAFANELA** e **CARLOS LEAL**, no compê, **Alfredo Russ** e **Tereza Gomes** e a atracção internacional **HELENE e REGIS**
Aos domingos, «matinees», às 16 horas

LUSO

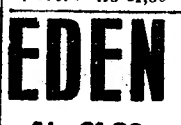


Antonio Caricias

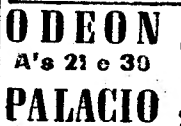
A's 21 e 30—SESSÃO POPULAR E ALEGRE com os queridos artistas: **MANUEL DOS SANTOS**, **ANTONIO CARICIAS**, **ILDA SILVA**, **RESSURREIÇÃO DO NASCIMENTO**, **FERNANDO MADUREIRA**, **MARIA FERNANDA**, **SOLOS DE GUITARRA** POR **CASIMIRO RAMOS**. **ACOMPANHAMENTOS A VIOLA** POR **MARTINHO DE ASSUNÇÃO**.



3.ª SEMANA
O SUPER-HOMEM
(EM TECNICOLOR)
com **Danny Kaye** e **Virginia Mayo**
A's 21 e 30



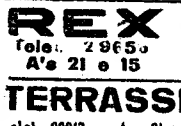
2.ª SEMANA
Até à vista
Realização de **Frank Borzage**
com **Ray Milland** e **Barbara Britton**
«Matinees» diárias
A's 21,30
telef. 2 0768



ESIREIA
OS MISTERIOS DA VIDA
com **Charles Boyer**, **Barbara Stanwyck**, **Ed. Robinson** e **Betty Field**
A's 21 e 30



A's 21 e 30
Inauguração da temporada
Olago dos sonhos
em Agfacolor, com **Kristina Soberbaum**
telef. 20556



O VAGABUNDO
Musica nos corações
A's 21 e 15
telef. 2965



O bom pastor
O GATO E O CANÁRIO
A's 21 e 15
telef. 20917

TRINDADE

HOJE às 21,45

uma reposição que o público exigia

MISS BA

LALANDE com VILLARET

TERÇA-FEIRA, 30 - ESTREIA da sensacional peça de Bernard Shaw: **Pigmalião**

APOLO

2-SESSÕES—2 A's 20 e 45 e às 22,45

O êxito sempre crescente da inesquecível opereta da graça, emoção e alegria

Nazaré

Herminia, **Costinha**, **Santos Carvalho**, **A. Machado**, **Luiza Durão**, **A. Reis** e **Maria Clara** e o tenor **Alberto Ribeiro**

VARIEDADES

2 SESSÕES A's 20,30 e 22,45

Hoje e todas as noites O maior acontecimento de todos os tempos, o grande êxito da revista popular

ALTO LA' COM O CHARUTO!

Com **Mirita**, **Vasco** e **Alvaro Pereira** a frente de uma Grande Companhia

PEÇAM QUINADO

POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: **Pérola do Oriente, L.**
Rua da Rosa, 198—Telef. 25565

CASACOS

DE PELES

No seu próprio interesse, não compre sem ver o sortido e preços da

Casa da Russia

Peleiros Especializados
142-RUA AUGUSTA-144

TIVOLI

O PROFESSOR SMITH

A's 21 e 30
TELEF. 60595 com **Leslie Howard**

Suprema decisão

Um filme de **Fritz Lang**, com **Edward Robinson** e **Joan Bennett**
TELEFONE 26305
Politeama HOJE A's 21.30

CONDES

CREPUSCULO SANGRENTO

A's 21 e 30 com **Merle Oberon** e **Brian Aherne**
Telef. 22253

CAPITOLIO

No Salão às 21.15
Bucha e Estica mestres de dança
Telef. 27493 **Submarino heroico**

L.Y.S.

O filme português
A VIZINHA DO LADO
A's 21 e 15
telef. 48560

JARDIM CINEMA

A menina da Rádio
O Bocage
A's 21 e 30
telef. 63011

CASINO ESTORIL

Mergulhamos ao amanhecer
com **John Hille**

ARCADIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

HOJE, o êxito retumbante da orquestra espanhola

GÊA Y LOS TROVADORES

DO PASAPOGA, DE MADRID

A única no género que até hoje se tem apresentado em Portugal

GRANDES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS:

HERMANAS APARICIO — **ROSARITO DEL ALAMO**

MERY-MELY — **AS 7 DIABOLINAS** — **ISABELITA DE AROSA** — **Paquita Guel**

ORQUESTRA ARCADIA

com o vocalista **João Valério**

VIDA literária

Como Antero

passava as férias
na praia de Santa Cruz

A 17 quilómetros ao poente de Torres Vedras há uma praia de arribas alcantiladas e coloridas que se prolonga indefinidamente para o Norte, numa beleza estranha e empolgante e, que, em 1870, esboçava talvez, ainda o seu plano de urbanismo hesitante e irregular.

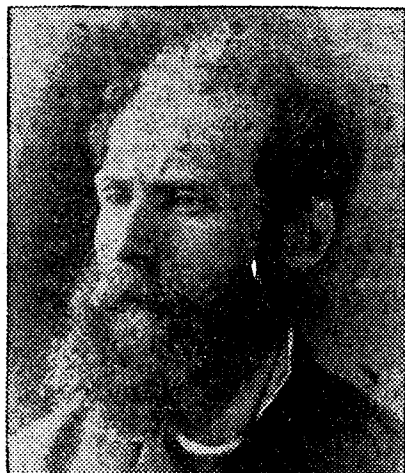
O mar, ali, bate forte, indomável e aguerrido, as arribas altas e a areia das praias que se sucedem até à praia do Norte, que se estende a Porto Novo, onde em julho de 1808 desembarcaram D'Almeida e Burrard, para assistir à primeira derrota, em forma, das aguerridas forças militares de Napoleão, que Jean Andoch Junot levou aos campos do Vimieiro.

A povoação pequenina de Santa Cruz de Ribamar, por 1870, desenvolvia-se custosamente em volta da capelinha onde Santa Helena, em imagem românica de pedra policromada, abençoava aquelas paragens oceanicas de permanente perigo.

Vindos do Turcifal, da casa dos pais de Batalha Reis, foram ali passar o verão desse ano dois moços, fazendo o trajeto sobre os areais, a cavalo ou no Chariot, tão pitoresco, colocado biblicamente sobre um carro de rodado ruidoso puxado a uma junta de bois, pelo caminho de São Pedro da Cadeira, Coutada, Casalinhos e Silveira, por entre moinhos de vento assobiando, a sua eterna canção ao moerem o trigo dourado nas mãos triturantes e duras.

Esses moços cheios de intensa combatividade espiritual, aproximavam-se, compreendiam-se e estimavam-se fraternalmente e no entanto eram bem diferentes um do outro.

Um, alto, cabeleira inspirada, sobre o ruivo, fronte olímpica, trazia no cérebro febricitante, uma catedral de sonetos e de poesias de divina e criadora inspiração, debaixo do seu aspecto calmo e sofrido; o outro, nervoso, delgado e baixo, numa vibração intensa de combatividade, alourado, de olhar visívissimo prometia o que viria a ser: um espírito de cintilante acuidade.



Esses dois rapazes, entre os 25 e 30 anos, eram Antero Tarquinio de Quental e Jayme Batalha Reis.

Instalaram-se numa casinha terrea, humilde e pobre do Francisco Pisco, o Francisco Banheiro, onde sua mulher a senhora Madalena os tomou a seu cuidado nos arrumos simples dos dois banhistas.

A casa era á beira das arribas, porta virada ao mar imenso que enrolava e batia as suas ondas com fragor constante na fúria diária das suas marés violentas, sob um céu azul, de rutila claridade.

Perto, havia as primeiras casas particulares dos proprietários extremos e, um pouco ao Norte, a uns metros apenas, a capelinha de Santa Helena.

À frente da casa, havia de cada lado da porta, passando debaixo das janelas, um poial de pouca altura, que era o banco de repouso em frente ao mar. Lá dentro da casa pequena havia, também, uma mesa hoje da ilustre filha solteira de Batalha Reis, em que os dois moços escreviam.

Antero «comia só uma vez ao dia», mas «nadava ainda com vigor», como bom azeite, dominando aquele mar de força irresistível, e dava passeios imensos, por entre as

(Continua na pag. seguinte)

OS NOSSOS CONTOS

Quatro amigos

por Antunes da Silva

Todas as noites se juntavam debaixo da arcada da praça. O Alvaro, o Velez, o Rodrigues e o Ismael. Amigos desde a infância; cada um tinha seguido o curso do seu destino logo após terem terminado a instrução primária.

O Alvaro fôra para a escola industrial; o Velez para o liceu; o Rodrigues para um collegio e o Ismael fôra para a oficina do mestre Alfredo aprender a marcenaria. Ao principio, os quatro amigos, quando se encontravam á noite pela rua falavam-se com uma certa reserva, sem grandes expansões, como se algo de invisível lhes proibisse amizades tão aproximadas. Mas depois o tempo passou e os rapazes, mais confiantes nas suas vontades, continuaram a juntar-se nas arcadas da praça, a falar da vida. Geralmente, nestes períodos, o assunto predilecto das conversas eram as raparigas, os bailes, os jogos desportivos. Aquelas mocidades em flôr, olhos abertos para todas as sensações, almas silenciosas aguardando a seiva do porvir, dir-se-lham fachoos cintilantes apontando ao mesmo caminho honesto, amando a mesma Natureza, desejando os mesmos triunfos.

Entretanto, o Alvaro, o Rodrigues e o Velez, acabado o curso industrial, partiam para Lisboa a continuar os estudos. Na vila ficou o Ismael. Durante o dia na loja de mestre Alfredo, raspando tabuás, aparando madeira ao torno e fixando, com os seus olhos tristes de contemplativo, qualquer coisa de vago, de doloroso e de impossível que ele julgava pressentir para além da loja branca da oficina. A noite era raro sair. Deitava-se sempre cedo e lia romances á luz de antigo candeieiro. Desde menino que ele tivera a queda por romances, quando o tio lhe mostrava brochuras espampanantes de homens irados, índios, monstros e fantasmas apupando o espaço no auge de grandes exaltações. E fixara-se naquela freima. Lia, lia e na oficina já não brincava tanto com os aprendizes e respondia sério, correcto e diligente, ás censuras impulsivas do mestre.

Vinham as férias. Os quatro amigos tinham sempre motivos bastantes para se entreterem á noite na velha arcada da praça. Falavam. Discutiam. Uns pelos outros originavam conversas atraentes, cheias de infantis preságios e originais conclusões.

O Alvaro acentuava, com a sua voz clara e dolente:

—Quando um dia acabar o curso e me empregar, a minha avó há-de ter descansado...

De facto, a avó do Alvaro trabalhava muito na loja dum alfaiate e elle estudava a expensas da madrinha. O Velez respondia, elevando os ombros:

—Eu gostava tanto de ser advogado!

Realmente, o Velez tinha fama de falar bem, de desenvolver uma conversa com relativa facilidade.

O Rodrigues, muito inteligente, mais calado, não adiantava, no entanto, nada de interesse, como se estivesse em absoluto conformado com a vida. O Ismael, esse, quando se abria aos amigos, era para desabafar toda a emoção que a leitura de qualquer obra lhe causara. O Rodrigues também lia muito e era a razão porque os dois se compreendiam melhor. Discutiam mesmo em assuntos de amplitude razoável, criticava formas de escrever, os conflitos que um livro continha, a cor dos traços da paisagem, as personagens, etc.

Quando as férias passavam, cada qual seguia o mesmo curso de antigamente. O Alvaro, o Velez e o Rodrigues estudando em sebatas e calhamaços — e o Ismael trabalhando e lendo com o mesmo método e a mesma persistência.

Decorreram anos. A vila agora, para os quatro amigos, tinha outro valor. Em cada esquina de rua, em cada traço de céu, em cada figura popular parecia que morava um novo aspecto de ternura, um novo amor — uma outra saudade. Formaram-se aos vinte anos, com um futuro lindo á sua frente. O Alvaro, o Rodrigues e o Velez não foram capazes de abandonar a terra que os viu nascer. Uma onda de respeito pelas ruas tortas, pelos campos rasos a inundar-lhes as almas jovens, os olhos de menino, ainda. Mantiveram-se em casa das famílias e, ungidos pelo mesmo fervor bairrista, trataram de arranjar futuro alugando terra a lavradores. O Rodrigues, por sinal, tomou conta duma mercearia do pai. O Ismael, que nunca saíra da vila, a não ser numa excursão a Lisboa, rejubilou. Intimamente agradeceu á Providência o ter proporcionado que amizades tão fundas continuassem agora com outros rumos e melhor continuidade.

Todas as noites, então, se reuniam os quatro inseparáveis patricios, na velha arcada da praça. No inverno iam para o café do sr. Carvalho. Punham-se a um canto, o Ismael tirava um livro debaixo do braço e lia um trecho. Já não eram só romances, nem novelas, nem artigos de jornal. Eram profundos estudos científicos, livros filosóficos, calhamaços onde a religião, a sociologia, a vida e o universo se conjuntavam numa grande parada de saber. Mais tarde, o Rodrigues alvitrou a formação duma tertulia. Já o era. Mas elle quis torná-la oficial. Dariam quinze escudos por mês para comprar livros. Todos concordaram. Depois, cada um fazia redacções de conferências, reunia conceitos a respeito de todas as manifestações anímicas da humanidade, e na Sociedade dos mineiros organizavam bem ensaiados grupos teatrais que deliciavam o povo durante alguns dias dos meses mais frios.

Mas veio o serviço militar. Cada um seguiu

para sua localidade. O Rodrigues para Setúbal, o Velez para o Porto, o Alvaro para Távora e o Ismael para Castelo Branco. Não se sabe bem como, a mesma força que outrora os fez permanecer na vila — fazia-os arredar dela agora.

Queriam conhecer mundo. A vila embalsamou.

Abalaram, quando foram licenciados, para a América.

E os pais, desconsolados, juntam-se todas as noites no café que elles frequentavam e ali lêem periodicamente as cartas dos seus meninos, tão cheias de vida e de esperança, que até parece que S. Jacinto se contaminou, voltando a ter fama de terra de respeito.

«Portugueses no Brasil»

por Armando de Aguiar

Armando de Aguiar, que vai agora a caminho de Guanabara, com uma exposição de arte que deve obter um resultado feliz, deixou-nos, horas antes de partir do Tejo, um livro de interesse indiscutível. É mais uma pedra bem lavrada, na amizade luso-brasileira, onde há nomes que, de facto, mereciam ser assinalados.

Armando de Aguiar, jornalista-viajeiro infatigável, que tem cortado quasi todos os paralelos, conhece, profundamente, as Terras de Santa Cruz. Enraizou ali suas amizades espirituais que perduram, e daí este livro: «Portugueses no Brasil» que é uma homenagem viva e viril ao esforço lusiado. Armando de Aguiar dá-nos o retrato do Brasil moderno, em que há alguma coisa de fabuloso e trepidante. A par disso uma série de biografias de portugueses que se ilustraram nas artes e na literatura, ou triunfaram no comércio e na industria, através de árduas e honradas existências que tem, por vezes, laivos de romance. O autor, rapaz moderno e descompocirado, compreende e sente a America. Este seu livro é de uma actualidade palpitante. Merece ser lido, com atenção, tanto no país que lhe deu alento, como em Portugal.

Armando de Aguiar

Este livro: «Portugueses no Brasil» que é uma homenagem viva e viril ao esforço lusiado. Armando de Aguiar dá-nos o retrato do Brasil moderno, em que há alguma coisa de fabuloso e trepidante. A par disso uma série de biografias de portugueses que se ilustraram nas artes e na literatura, ou triunfaram no comércio e na industria, através de árduas e honradas existências que tem, por vezes, laivos de romance. O autor, rapaz moderno e descompocirado, compreende e sente a America. Este seu livro é de uma actualidade palpitante. Merece ser lido, com atenção, tanto no país que lhe deu alento, como em Portugal.

E' POSTO A VENDA ESTA SEMANA
um dos mais encantadores romances
para meninas e senhoras

Sem família

Uma história cheia de ternura e emoção

por HECTOR MALOT

Edição da PORTUGALIA

GALERIA DO AMADOR



Retrato de madame Cezanne, por seu marido, estudo realista da fisionomia e da indumentária

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por
João Pedro
de Andrade

Estas *Lápides Partidas* (Livreria Bertrand—Lisboa), saídas há meses e prometidas há bons vinte e sete anos, não podem deixar de nos evocar uma época recuada da nossa literatura, a época evocada calmamente no P. S. de *A Via Sinuosa*, e já com menos calma no *Preambullo de O servo de Deus*. Aquilino Ribeiro explica o seu próprio aparecimento como uma reacção contra a prosa parisiense que então se escrevia. Com razão? sem razão? E' por demais longínquo o período e insignificantes os escriptas para que nos detenhamos a verificá-lo. Por mim, que então lia as traduções do Guimarães, da rua do Mundo—benemérito que ensinou Balzac, Zola e Hugo às gerações abandonadas de então—recordo-me vagamente que era a Crônica toda soberana na literatura nacional, e que do fumo do seu cigarro qualquer cidadão fazia um acontecimento que só não atravessava as fronteiras porque chegava lá defeito em nada. Com *O Jardim das Tormentas* e, depois, *A Via Sinuosa e Terras do Demo*, chegou às nossas letras um sopro vivificador, que apesar da exiguidade do programa haveria de perdurar longamente.

Como todos os grandes escriptores—e muitos, ou quasi todos, dos pequenos—, tem Aquilino Ribeiro as fraquezas atinentes á profissão: coqueteria intelectual, illusão de abarcar os caminhos que lhe não são próprios, falta de resistência ante a critica... Devemos ser compreensivos—e nós, criticos, á frente de todos— ante quem tão vigoroso se mostra na afirmação das qualidades pujantes, incisivas, duradouras, que têm mantido a ficção literária portuguesa, neste século, á altura a que a ergueram, no século anterior, um Camilo e um Ega. No fim de contas, quem fica a ocupar um lugar inconfundível não é o comentador mal humorado das entrevistas dos jornais, nem o fazedor de sentenças precipitadas que se insinuam nos seus prefácios e dedicatórias, sim o escriptor admirável de *Andam Faunos* e de *A batalha sem fim*, o criador de *Malhadinhas* e de *S. Banaboião* o construtor e mantenedor duma obra que alia á riqueza do lexico uma opulenta galeria de figuras, uma simbologia freme de significado, e, o que interessa mais de momento e abate as prevenções dos que o despreziam sem o ler ou lendo-o pouco, uma critica social que atinge o clérigo, o pequeno soba de aldeias e descampados, o educador que desvira a personalidade do educando até a deixar manca, critica que põe em duvida a santidade dos santos e a sabedoria dos doutores—desde os da igreja—e abrange alguns dos problemas, que continuam a ser capitais, do tempo em que appareceu e daquele em que vivemos.

Embora o escriptor transcenda o estreito ponto de vista de que o observa grande parte dos seus admiradores, que o enaltece como cultor da lingua apoucando-o no restante é certo que em Aquilino Ribeiro fica sempre, no decurso das suas mais ousadas digressões, alguma coisa do teorizador que inculca o aprendizado da arte de escrever antecedente ao da arte de pensar. (Veja-se *Preambullo de O servo de Deus*).

Na fluência do seu estilo, quer se applique á descripção duma paisagem campestre ou citadina quer á evocação de época remota, á composição de figuras ou ao diálogo delas, há uma espécie de volupia do escrever por escrever, que não raro prejudica o nucleo humano das suas criações. O que fica, porém, é ainda muito para merecer as atenções das gerações apressadas que buscam o humano no mais imediatamente ligado ás preocupações da hora, importando-se pouco com o que possa haver de profundo no aparentemente formal.

Muito antes de o neo-realismo ter entrado as nossas fronteiras, ou dentro delas ter tomado tal designação, muito antes mesmo de tal escola ou tendência se ter afirmado lá fóra, Aquilino Ribeiro, na já citada *Via Sinuosa*, lançava os alicerces duma das suas leis mais constantes e obrigatórias: a observancia do tempo histórico e das suas contingências, com a evocação de personagens vivas. A adolescência de Libório Barradas é dada, nesse livro superiormente escrito e magistralmente construido, através da agitada época que antecedeu o regicídio e a republica. Nêle se desdobra o crescimento espiritual e passionnal desse rapaz arisco, por processo romantico na essência mas realista na forma. Ao lado da namorada

pura e plebeia, desenha-se a silhueta fina da amante voluptuosa e fidalga, não faltando a cena que as põe frente a frente. As psicologias são rígidas e uniformes—salvo a do protagonista, Padre Ambrósio, de bondade angelical, não tem uma reacção para travar o pupilo rebelde, que de pequeno insulta a mãe, e adolecente se deixa tomar do virus revolucionário e seduzir pela mulher de seu amo. Chinoca, boticário, preceptor politico do jovem, diz-lhe em ar de corolário de suas predicções: «Ainda há-de deitar bombas! Tão certo!...». Estefania Malafaia, muito lida em clássicos, resume assim os ardores amorosos de Libório: «Tens os rins sólidos dum Aquiles». E o marido predeterminado, conta: «Estefania confessou-me tudo; fartaram-se de me boiar as barbas honradas. E vê, perdoei-lhe porque quando ela me conta os seus desvios é sinal de emenda». Procedem e exprimem-se assim, como porta-vozes de designios anteriores a eles.

A-pesar disso, o romance é solidamente erigido e cumpre o fim que tem em vista: traçar a biografia espiritual dum adolescente em época de renovação. A rebater o tom de uniformidade descriptiva de certas personagens, há a vivacidade extraordinária da paisagem e do comentário, e as figuras rudes dos Violas e do Rolim, prenunciando a fauna humana que o autor trata em conhecedor.

Algumas personagens de *A Via Sinuosa* seguem Libório Barradas no decurso de *Lápides Partidas*. Lá temos de novo Estefania e o marido, padre Ambrósio e Bento Chinoca, o *Velhinha* e, lá para o fim, Celidônia e a evocação do avarento Fome-Negra. O humorismo aquilino, que criou Banaboião e Bigoril, aqui sobre ambientes e figuras, embora não molde a acção. Os próprios nomes das personagens participam desse humorismo. Algum escriptor que não fosse Aquilino Ribeiro, teria coragem de chamar Miguel Baila Tarahão Morrafora Galafura de Malafaia a personagem a sério de uma obra séria? E vêem mais Humberto Pataroxa, Felizardo Langroiva, Luiz Chalado, D. Pepa Cienfuegos. Conhecidas personagens históricas são crismadas em Uriel Rolica e Manfredo Bemposta. E o ministro celebre da lei de 13 de Fevereiro é simples e familiarmente o João.

Aqui o tom autobiográfico revela-se mais nitidamente. Em *A Via Sinuosa* havia delicadezas narrativas e fulgurações verbais que de-

nunciavam o arbitrio do artista. Algumas das melhores páginas aquilinas, e lá que estão. Não se faz auto-biografia quando se escreve uma página comovente e bravia como aquela em que o Rolim implora que lhe restituam o dinheiro roubado.

De *Via Sinuosa* a *Lápides Partidas* Aquilino Ribeiro seguiu aquella evolução de que era susceptível, em quasi trinta anos, o seu temperamento inteiro de escriptor. Desceu á urbs, como annunciou em *Andam Faunos*, e atacou de frente a vida e paixão dos civilizados. Se Estefania Malafaia, anterior á população de *Terras do Demo*, vive ainda pelo contraste da sua silhueta, produto da imaginação do artista, com os rusticos que lhe servem de moldura, já as figuras posteriores—Maxima, Maria Benigna, Mónica—não têm esse fundo em que projectar-se. Com o estilo succede outro tanto. As serranias da Beira não são as colinas de Lisboa. Daí um desajustamento do estilo ao assunto, que se nota particularmente nos seus romances citadinos. Desde 1926, pelo menos, que a critica sufficiente o proclama (ver dedicatória de *Andam Faunos*). Sou insuspeito, porque nessa data ainda eu não existia literariamente, nem sei quem eram os criticos sufficientes de então. E admitto que me engane, com Castelo Branco Chaves, João Gaspar Simões e outros. Afigura-se-me, entanto, que, nessa volta de temas e de estilo, o escriptor, querendo simular espontaneidade, lançou mão de locuções e termos de transparente affectação, e ao regressar ás serras, em obra de fundo como *Volframio*, na qual sobra em determinação consiente o que falta em convicção interior, transportou para lá os vicios adquiridos pelo homem da cidade que vê de fora—e de longe—o fenómeno serrano.

Em *Lápides Partidas* estamos de novo na cidade e acompanhamos Libório escapo á perseguição de Fome-Negra, e a entranhar-se cada vez mais no labirinto lisboeta. O subjectivismo da personagem salva a história do constrangimento que verificamos anteriormente. O artista de *A Via Sinuosa* não apparece aqui, como lá, subtilizando as aventuras do seu heroi. Nem há a paisagem, nem Libório é puro. Nem a linguagem é tão fluida e rica.

Estamos longe, porém, dos tateamentos de amador de *Maria Benigna* e *Mónica*. Entranhado no protagonista, Aquilino dá-nos a cidade vista pela sua pupila de forasteiro, seja a unica maneira como no-la pode dar nitidamente.

Abundam no livro personagens vivas, diálogos saborosos, situações excellentes. Tudo obe-

dece, porém, á série de sucessos que com o heroi se prendem. Talvez que, em detrimento de certos quadros, que interessam ao Libório sentimental, devessem estar mais explanadas as circumstancias em que elle se vai imbuidando do espirito revolucionário. O provinciano que chega a Lisboa com o sacco de roupa pendurado do dedo, é dentro em pouco tu cá tu lá com republicanos do póipo, que quere o acaso de morrer na mesma pensão. Entretanto, temos ensejo de conhecer as bem femininas e lisboetas figuras de Ernestina, prostituta generosa de coração ao pé da boca, e Martinha, mulher amigada com cavalheiro de idade que espera uma aventura de folhetim. Lá topamos de novo Estefania tão desavergonhada como de antes, menops roomantica do que a madame de Rênal do *Rouge et Noir*, mas recebendo o amante por processos identicos, com a mesma escada, as mesmas recusas e as mesmas blandícias finais. E chegamos ao amago da história, ao que é propriamente a história, a diligência junto de Chinoca, revolucionário aplacado, a apreensão do dinamite e a prisão, os interrogatórios e a fuga, o retiro em casa de Martinha, a revolução frustrada, a morte do rei, o internamento em Espanha.

Custou ao autor dar-nos um documento de história recente e urdir um enredo a que se pode pôr na capa a designação de romance. Sente-se o documento, o lance vivido, a opinião pessoal. Não se trata decerto dum romance perfeito. Mas, nesta viragem da história e da literatura, poderemos saber o que é um romance perfeito?

Ao longo da aventura conspiratória, o autor não esquece as figuras que criou. Se a longa carta de Estefania revela, mais uma vez, a inaptidão do romancista para feminilidades de estilo, já as reacções de Martinha estão certas, e Ernestina é humanissima na sua dádiva espontanea. Romantica, só a aparição de Celidônia, no limiar do fim, «inalteravelmente a mesma em corpo, fragancia, esbelteza e mais que certo no coração». E a discussão entre o padre-mestre e Chinoca, o espiritalismo e o materialismo, á beira do conspirador fugitivo, encerra, sem realidade dialogal—por que de principios se trata, não de homens—as preocupações metafísicas e sociais da aventura, levadas ás consequências ultimas.

A-pesar das diferenças graduais da sua obra, desde os inícios até este ultimo livro, a arte de Aquilino Ribeiro, comparável á de Camilo, mas mais flagrantemente social, é daquelas que, talvez por sazouarem em país pequeno, sacrificam ao culto dos valores pátrios a expansão a que têm direito. Quis Aquilino Ribeiro, ao tratar de personagens autenticas em obra de ficção, guardar um tom discreto que não encobre ante nós, portugueses, o que só a raros e muito intimos estrangeiros será dado entender. Por outro lado, o seu estilo, tantas vezes admirável, penetra tão fundo os segredos da lingua quanto se isola das possibilidades de interpretação em lingua estranha. E' isto qualidade ou defeito? Não curemos agora de averiguar-lo, limitando-nos a registar, a cada apparecimento de nova obra, a existência dum grande escriptor de lingua portuguesa que condições de clima, de solono e de personalidade afastam do conhecimento da Europa.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Antero na praia de Santa Cruz

(Continuação da pag. anterior)

dunas e pinhais, para obter pelo cansaço o sono reparador da noite.

Estudavam ambos o alemão, nessa data em que era vencida a França de Napoleão III.

Por essa altura, decorava-se com pinturas murais, a tempera, a divisão duma moradia de rés-do-chão extenso, virada ao poente, e o pintor torrense Francisco Maria Peres, punha nos medalhões que pintava, toda a sua paixão de artista sincero e ingenuo.

A divisão decorada era a casa de jantar da graciosa moradia, como se vê do friso alto, com as suas taças trasbordantes e acuguladas de pirâmides de frutos variados da região.

As paredes têm, em medalhões circulares e elípticos diversos aspectos da pequena povoação de outrora, com perspectivas fieis duma ingenuidade dedicada e amorosa.

Em todos eles, como uma marca simbólica, apparece pintado um corvo negro, passaráo, que se vê em bandos mais ao Norte para os lados de Peniche, mas que hoje não apparece nos ares lavados e translucidos de Santa Cruz.

Porque poria Francisco Maria Peres, a ave agorizenta nos seus quadros?

Não o disse Batalha Reis na descripção magnifica e reveladora da sua estada e de Antero na formosa praia, escrita para o jornal torrense, do meu amigo Vitor Cesário da Fonseca, mas o que é certo, é que o corvo se repete em cada um dos seus medalhões.

Num deles vêem-se uns sulcos fundos, cortando com raiva o rosto do retrato singular, dum homem de carapuça na cabeça, sentado numa cadeira, de copo na mão, e com uma garafa debaixo da cadeira.

Ora os sulcos desse raivoso vandalismo, têm a sua história, que vou contar:

Eu ouvi varias vezes, ao simpático velhinho Jaime Batalha Reis, que ele e Antero matavam as horas do verão conversando com o pintor Peres e, não me recorda bem, tinham interven-

do pessoalmente, ou nos desenhos ou na sua orientação, e, então, cabe agora fazer a seguinte pergunta: seria da iniciativa espontanea do pintor assalariado a ideia de retratar algum, ligando-o á sua predilecção pelo vinho?

Custa-me a crer que assim tivesse sucedido e supponho antes ver nessa sátira uma divertida sugestão dos dois rapazes gloriosos.

A Ex.^{ma} senhora D. Maria José Fialho de Carvalho, actual proprietaria da casa contou-me a tradição familiar, do sucedido pela seguinte forma: o Francisco Banheiro, bebia muito e, quando um dia viu o seu retrato, de copo na mão e de garrafa debaixo da cadeira, enfureceu-se e raspolu-lhe a cara, com raiua deixando-lhe a marca das suas unhas, duras e rudes de trabalhador do mar. Mesmo assim, o que ficou mostra, ainda, o rosto aberto e franco do Francisco Banheiro que, com sua mulher a senhora Madalena, teve a honra de, em 1870 hospedar o divino Antero e Batalha Reis na sua casinha terrea, á beira das arribas, rodeada de pitheiras onde do poial-banco virado ao mar se via o desenrolar interminado e das suas ondas alterosas, tabando de espuma branca as areias da praia, e ao entardecer, olimpico e deslumbrante, o mergulhador do sol na linha distante do horizonte misterioso e maravilhoso.

Valeria a pena uma romaria á linda praia de Santa Cruz, por entre pinhais e moinhos trabalhando familiarmente, bordando a estrada, por entre hortas e vinhas, e fazer fotografias fieis das ingenuas pinturas do pintor torrense tentando explicar a razão do seu corvo symbolico, e fazendo passar á história o retrato do humilde banheiro, que na sua casa terrea e pauperissima hospedou Antero, que nela fez um dos seus sonetos ao mar, por onde veio e por onde voltou, á terra paradisíaca em que nasceu e onde soltou a sua alma sedenta de perfeição.

SALINAS CALADO

"Afinidades"

REVISTA DE CULTURA
LUSO-FRANCESA

Brevemente sai o n.º 13

Artigos de: Roger Caillois, André Frénaud, Mário Gonçalves Viana, Jean Danielou, Léon Moussinac, Jorge Pelayo, Stephen Spender, Paul Eluard, Piero Saporiti, etc.

CRÓNICAS E CRÍTICA LITERÁRIA

Administração e redacção:
Rua das Praças, 13-A, 1.º
LISBOA

ECOS

Bourbon e Meneses obteve o «Prémio Julio de Castilho» com o seu livro «Sua graça é Lisboa». Escritor que se constituiu guarda e defensor das belas cousas e das causas justas prima pela independência das suas opiniões e pela maneira de as formular. Tem um nome acatado e um estilo inconfundível.

Quando escreveu «Sua graça é Lisboa» deixou, em cada uma das suas páginas, um exemplo palpitante da sua afeição a uma cidade onde cada um de nós encontra memórias de todos os outros que passaram, semeando as suas saudades, entre o Tejo e as Sete Colinas.

Bourbon e Meneses, que veio depois de tantos, não recolheu uma herança, mas descobriu para as suas imagens um retábulo precioso e para a sua arte uma flâmula endulante e faiscante.

Braamcamp de Barahona Fragoso (Esperança) publicou «Sol de Agosto» que dedica ao povo de Cuba. São versos em que há uma certa malícia, mas malícia sem maldade.

Lêem-se com agrado, pois cintila neles uma facilidade, uma prontidão e uma vivacidade que revelam a «maneira» do poeta.

O busto de Rosa Araújo vai ser inaugurado, amanhã, na Avenida da Liberdade. Estimamos que ele encontre o que lhe faltava—espaço para viver na sua tranquila imortalidade.

E como há outros bustos e estátuas que ainda não têm pouco certo, fazemos nossos os votos dos que desejam vê-los no honesto repouso. Os mortos que se ocultam são vidas que se dispersam.

Faz, amanhã quinta-feira, 798 anos que Lisboa foi conquistada aos mouros, apanhando estes uma lição que lhes ficou de memória. Derrotados, abalaram rotos e chorosos, pelo bem perdido. Afonso Henriques viu-os partir, envoltos na negra sombra da sua morte trizista.

Cousas do passado que se lembram... O castelo, reconstruído há pouco, pouto na sua alta colina, todo de ponto em branco, não convivia à guerra, mas sim a uma festa patriótica em que as lutas dos cavaleiros henriquinos seja pretexto para um sarau de poetas, vestidos à época.

Em 1944, Angola enviou para Lisboa 1.579 cabeças de gado bovino. Em relação às necessidades, é pouquíssimo. A medida que dispusermos de transportes, as compras no mercado angolano serão em maior escala.

O país necessita de apelar para os recursos do Império, a fim de que se afirme a sua unidade económica que é factor importante da unidade política. Angola, sobretudo, que deve ser um grande mercado para os produtos da Metrópole, terá como compensação abastecer-nos com as suas reses e os seus generos agrícolas.

Criticar não quer dizer negar, confundir, perturbar e derrubar. Os direitos da crítica resumem-se nisto—verdade e justiça. Quando exorbita tem outro nome—violência e incompetência.

E' necessário que na obra alheia saibamos descobrir o que dura e o que se impõe pelo seu real valor.

Preguntaram um dia a Musset o que ele entendia por crítica. Resposta imediata do poeta:

«O livro que nós escrevemos e o acto que nós praticamos julgados diante de nós imparcialmente, como se não estivessemos presentes».

Um jovem escreveu a Goethe uma carta atrevida em que vinha o pedido seguinte:

«Se não trata de escrever e publicar o Fausto (segunda parte) avise-o de que tomo a minha conta esse trabalho».

Goethe sorrindo-se com bonomia:

«E' assim que os ratos entram nos coelhos!».

«A' volta do crime do Padre Amaro»

Um belo artigo do dr. Lopes de Oliveira com revelações inéditas. Um grande documento para a história literária de Eça de Queiroz. Leia amanhã «Vida Mundial Ilustrada».

O funeral das vítimas do desastre de aviação na base de S. Jacinto

O corpo do 1.º tenente aviador Félix Alberto Mateus Fernandes Lobo, comandante do avião que se incendiou num campo ao sul da Torreira, ficou sepultado no cemitério de Abrazes (Viseu).

O do segundo sargento mecânico José Antunes Nogueira—que, como aquele oficial, ficou carbonizado no momento do desastre—seguiu hoje, da casa mortuária do hospital da Marinha, numa viatura do Ministério da Guerra, para o cemitério de Marinhais (Salvaterra de Magos).

O do primeiro marinheiro radiotelegrafista António Luiz Pacheco—que ontem faleceu naquele hospital, vítima das queimaduras recebidas—saiu também hoje da referida casa mortuária, numa carreta-automóvel, coberta de corações e ramos de flores, para o cemitério do Alto de S. João, onde uma força do corpo de Marinheiros, do comando dum cabo, deu as três descargas do estilo. O seu caixão ia coberto pela bandeira nacional e era seguido por pessoas de família, por toda a oficialidade e pela maioria dos sargentos e praças da Aviação Naval, por oficiais da Aviação Militar e por dezenas de marinheiros. O sr. ministro da Marinha fez-se representar pelo seu chefe de gabinete, sr. capitão de fragata Celestino Ramos, o major-general da Armada pelo sr. tenente Pina Cabral e o comandante geral da Aviação Militar pelo sr. capitão-aviador Peral Fernandes. Encomendaram-se ao funeral, entre outros, os srs. capitão de fragata Liberal da Camara, comandante das Forças Aéreas Navais; comandante Ramos Pereira, director dos Serviços de Electricidade e Comunicações, drs. Emilio Faro e Telmo Correia, respectivamente director e sub-director do Hospital de Marinha; capitães-tenentes Aires de Sousa, chefe do estado maior da Aviação Naval, Gomes Namorado, comandante do Centro do Bom Sucesso, Telo Pacheco, comandante da esquadilha B, aquartelada na Portela de Sacavem, a qual pertencia o avião que se perdeu; Costa Gomes, e engenheiro Bastos, da Direcção da Aeronáutica Naval; engenheiro Aluino; tenente Capela; capitão Machado de Barros, tenente Cabral e aspirante Soveral, respectivamente comandante e oficiais da esquadilha de Caça n.º 1, que também tem a sua sede no aeroporto, etc.

O caixão foi transportado da casa mortuária para a carreta e desta para o coval por camarádas do extinto.

Vem aí muita batata!

São esperados no proximo mês

15 milhões de quilos

O sr. ministro da Economia resolveu declarar livre o comercio da batata e dispensar guias de transito, tabelamento e outras medidas restritivas.

Aplaudimos esta medida, pela qual há muito temos pugnado. Pena é que ela não fosse tomada há mais tempo, quando a batata existia com relativa abundancia. Para que esta deliberação possa dar os seus resultados, é necessário, tambem, que se ponha termo ás dificuldades de transportes ferroviários.

Em Chaves existe alguma batata, mas as dificuldades de transportes obrigaram alguns comerciantes a desistir do proposito de a trazer para Lisboa.

Os importadores de batata, com a cooperação da Junta das Frutas, conseguiram, na Dinamarca, fazer uma encomenda de 15 milhões de quilos de batata, que é esperada por todo o proximo mês.

A Junta das Frutas officiou em 8 do mês findo a todos os armazenistas a oferecer batata dinamarquesa, tendo as referidas firmas de se responsabilizar pela sua quota parte na aquisição por meio de crédito aberto e irrevogavel. Todas as firmas que receberam este ofrecimento responderam afirmativamente. Essa transacção deve importar em cerca de 25.000 contos.

Três milhões de quilos de açúcar

Chegaram recentemente a Lisboa, a bordo do vapor espanhol «Monte Abril», vindos de Angola, três milhões de quilos de açúcar cristalizado. Foi com surpresa que os organismos coordenados verificaram a chegada deste açúcar, pois eram esperadas ramras para refinação. Como o publico não pode ser prejudicado, este açúcar não pode deixar de ser lançado para consumo, em vez de ser destinado á industria, como se pretendia, visto esta o pagar por mais do dobro do preço.

Oleo de mendobi

Havendo escassez de azeite, tanto mais que são as reservas do terço de 1943 que estão a ser lançadas no consumo, não se compreende bem o motivo por que se não têm lançado no mercado, para consumo publico, maiores quantidades de oleo de mendobi, produto nacional que existe em abundancia nas colonias e para o qual já temos refinarias na metropole.

TRONCHO DE MELO CLINICA GERAL

Trav. N. de S. Domingos, 9, 1.º

O MOMENT

A actividade da União Nacional

Voltou a reunir-se esta manhã a comissão executiva da União Nacional, que tratou de assuntos relativos á acção politica e eleitoral.

Às 22 horas, reunem-se, na sede daquele organismo politico, as comissões de freguesia, para tratar do acto eleitoral. Presidirá o sr. major Mendes do Amaral e será orador o sr. Melo Machado.

No Liceu de D. Filipa de Lencastre realiza-se no dia 27, ás 22 horas, uma sessão promovida por moradores no Bairro Económico do Arco do Cego. Presidirá o sr. dr. Castro Fernandes e serão oradores os srs. drs. Madeira Pinto, Henrique Cabrita, D. Clyde Alfalo, Manuel Santos Leite, Firmino Francisco Simões e um estudante.

No dia 8 do mês que vem efectua-se, no teatro Nacional, uma importante sessão de propaganda eleitoral, promovida pela U. N., sendo oradores os candidatos a deputados srs. dr. Mário de Figueiredo, dr. Dinis da Fonseca, major Jorge Botelho Moniz, dr.ª D. Maria Luiza Vanzeler e dr. Albino dos Reis. Presidirá o sr. ministro da Justiça.

Em Bragança, realiza-se, no dia 27, uma reunião dos presidentes das camaras e das comissões da União Nacional, para tratar de assuntos de propaganda eleitoral. No teatro da cidade vai realizar-se uma sessão publica, em que discursarão diversos candidatos á Assembleia Nacional.

No distrito de Coimbra, estão previstas reuniões em Arganil, Tábua, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz e na sede do distrito.

O sr. dr. Correia de Paiva, governador civil de Leiria, esteve nas Caldas da Rainha, Castanheira de Pera e Pedrogão Grande, onde se avistou com os elementos de influencia local.

Em Braga, efectua-se hoje, ás 22 horas, uma reunião de propaganda da U. N., que será presidida pelo sr. José Joaquim de Oliveira.

A entrevista

com o dr. Pequito Rebelo

Na entrevista que ontem publicámos com o sr. dr. Pequito Rebelo, onde se lê «não seria prestigianete para o regime esta forte guinada do leme...» (o adiamento do acto eleitoral), deve ler-se «nem seria desprestigianete para o regime esta forte guinada do leme, porque, por ela, não transigia com os adversários».

Dr. Figueiroa Rêgo

Sabemos que, embora apresentada e patrocinada pela União Nacional, a candidatura do sr. dr. Figueiroa Rêgo, como deputado por Leiria, foi condicionada á qualidade de independente e agrario. Da sua provada acção a favor da lavoura nacional muito há a esperar.

Os preparativos

e os candidatos em Macau

MACAU, 24.—São as eleições que ocupam agora o espirito da maioria da população, motivo de todas as conversas. Varias individualidades da colonia admittiram a possibilidade de ser eleitas, apresentando a sua candidatura, e começaram a trabalhar, activamente, na angariação de votos. Quando se soube, porém, que a União Nacional propusera, pelo circulo de Macau, o nome prestigioso do tenente-coronel Alvaro da Fontoura, muitos dos candidatos desistiram, ficando em campo, apenas, o advogado dr. Americo Jorge que, no entanto, não se considera da opposição, tanto mais que, segundo ele proprio afirmou publicamente, está integrado nas doutrinas fundamentais defendidas por Salazar.

A imprensa local tem-se referido, diariamente, ao acto eleitoral, dando conselhos aos eleitores e criticando, por vezes, os processos seguidos pelos candidatos na colheita de votos.

Aponta-se como unico inconveniente á candidatura do sr. tenente-coronel Alvaro da Fontoura o facto de nunca ter estado em Macau, mas a imprensa esclarece que o candidato proposto pela União Nacional tem occupado postos que o obrigam a contacto permanente com os problemas de todas as colonias.—(L.)

Como foi preparado em Lisboa o armistício entre a Itália e os Aliados

Terceiro artigo destas revelações sensacionais. Um grande documento para a historia desta guerra. Leia amanhã «Vida Mundial Ilustrada» —uma revista como não há outra em Portugal!

Longa Ausência, Esquecimento Breve

Nunca se é esquecido, quando se oêixa uma lembrança adquirida na Grande Ourivesaria da Moda 257—Rua da Prata (Esquina de Santa Justa)

O major Botelho

responde à do tenente-co

«Sr. Director do «Diário de Lisboa».—Respondendo á carta do Ex.º sr. tenente-coronel Lelo Portela:

1.º—Sua Excelência afirma saber que a B B C é organismo particular.

2.º—Ora, se o termo de comparação escolhido por S. Ex.ª foi uma estação particular, será «pura invenção» supôr que o caso também dizia respeito ao R. C. P.?

Vejo agora que S. Ex.ª venera a propriedade alheia, é franco partidário da livre concorrência e inimigo de todos os monopólios.

Também o sou. Não só em palavras, como alguns liberais, mas nos actos. Por exemplo: nunca exijo para mim o exclusivo daquela democracia donde o Ex.º sr. Lelo Portela me expulsa, em nome dum monopólio que a opposição guarda cuidadosamente.

Outro exemplo, no campo dos factos: a assembleia geral do R. C. P., associação aberta a toda a gente, elege anualmente com liberdade absoluta a sua mesa, os seus directores e os seus conselheiros fiscaes entre milhares de associados todos com direito a voto. Que culpa tenho eu, ou tem a «enfada ditadura», que os votos dum sistema eleitoral democrático, honesto e repetidamente praticado, me tenham sempre reeleito e aos meus colegas?

Nos estatutos de R. C. P. nada impede que a próxima assembleia geral nos derrube e que a opposição passe a dirigi-lo.

A quem deseje terminar com o pretendido monopólio da radiodifusão basta associar-se, pagar as cotas e servir-se dos votos.

E os que se lançarem á empresa, sem nos terem acompanhado no longo periodo de sacrificios iniciais, aproveitarão instalações já feitas pelo trabalho e pelo dinheiro dos que, além de falar e escrever, sabem, ao menos, produzir alguma coisa.

Não é possível a montagem de novas emissoras privadas por varias razões técnicas. Avulta entre todas a actual distribuição internacional dos escassos comprimentos de onda. Nisto não há politica. Mas existem, trabalhando em Lisboa, e supponho que no Porto, outras emissoras particulares.

Caso curioso, que o grande publico ignora, mas que o Ex.º sr. Lelo Portela deve conhecer: Por sinal, uma delas esteve alugada durante a guerra a um conceituado membro da opposição, para fazer propaganda... «democrática». Angariava cotas doutros vultos «liberais». Mas as cotas e subsídios nacionais e internacionais não foram suficientes para a manutenção e ainda menos para o progresso do serviço.

Compare-se agora, imparcialmente: Dum lado está a previdência e a dedicação continuada dos sócios de R. C. P. Do outro, a falta de persistência e de espirito de sacrificio dos adeptos da opposição. Quem tem culpa de que estes não possuam emissora propria?

Agora, que já não existe o pretexto da censura, porque não renovam o tal contrato de aluguer? Ou porque não compram a propriedade? Com tantas listas de adesões, quaisquer vintens por cabeça deverão sobrar...

3.º—Ao contrario do Ex.º sr. Lelo Portela que, segundo afirma, só escuta noticiário estrangeiro, costume ouvir as emissoras nacionais. Graças a Deus, quanto mais viajo lá por fora, mais gosto do ser português.

Não tenho procuração da E. N. para defender a sua nota do dia. Mas é natural que ela, apesar de neutra em matéria de discursos eleitorais, defenda honradamente o Estado, seu proprietario, de certas mentiras que, a pretexto de eleições, se têm propalado. E lá estamos outra vez: Querem liberdade de critica—mas ofendem-se com a liberdade de resposta!

4.º—O Ex.º sr. Lelo Portela acha pouco sete minutos. Mas esta limitação dos discursos isolados, além de legitima, é tradicional. Admittida a contradição por tempo identico, a «conversa» poderá durar catorze minutos, coisa fatigante.

E se apparecesse ao microfone orador da tempera democrática do dr. João Camoegas, que, no «saudosos» Parlamento, falou durante nove horas seguidas, a nação não resistiria ao consumo de electricidade.

Mas o Ex.º sr. Lelo Portela esqueceu que, em contrapartida, não adoptámos limitação alguma nas transmissões de reuniões eleitorais, quer da opposição, quer da U. N.

Quanto á necessidade de «reconhecido valor intelectual», é evidente que não existe o juri de R. C. P. (juri que o Ex.º sr. Lelo Portela inventou para a circumstancia).

Se existisse não se cobrija de odioso ou de ridiculo reprovando (passe a expressão também do nosso contraditor) pessoas da sua categoria. Gosto da luta. Mas porque a casa onde ela se trava ainda é dos consocios que nos elegeram, tinhamos o dever de reservar o direito de admissoão, não fossem apparecer como oradores o «Pintor», ou o «Ai-ó-linda», ou o Armando de Azevedo, democratas distintos que a juventude liberal nunca viu em acção.

Quando enviámos a nossa carta ao «Diário de Lisboa», o signatário, apesar de candidato da União Nacional á eleição de deputados por

O POLITICO O HOSPITAL DE ALIENADOS

João Moniz

carta

Colonel Lelo Portela

Lisboa, teve o cuidado de telefonar ao Ex.^{mo} sr. dr. Norberto Lopes, chefe da redacção, pedindo-lhe o favor de convidar da sua parte o Ex.^{mo} sr. dr. Lelo Portela a ser o primeiro orador oposicionista.

Por isso, S. Ex.^a não possui o direito de dar a entender que, por ódio político, não o aceitáramos ao microfone de R. C. P. Mas desculpe, humanamente, que bom julgador por si se julgue.

S.^a—O recio da contradita, a que o Ex.^{mo} sr. Lelo Portela chama *censura ulterior* (!) não é, positivamente, virtude democrática. Um liberal duzentos por cento não recia a discussão. Pelo visto, S. Ex.^a desejaria que só a oposição fizesse...

A contradita pode ser indispensável. Com a experiência adquirida na guerra de Espanha, ficamos fartos de nos serem atribuídas notícias e mentiras que não eram nossas, apesar de as transmitirmos com indicação da origem, vermelha, nacionalista ou outra.

Os jornais podem defender-se com a exibição dos seus exemplares. Mas na rádio, é fácil ao ouvinte, ou ao pseudo-ouvinte, adulterar a proveniência do que se transmite, confundir o que percebeu mal, ou inventar o que nunca foi publicado. Não pode reter o texto, para melhor o apreender.

Dai a necessidade de esclarecer bem os assuntos.

E não se diga, como o Ex.^{mo} sr. Lelo Portela, que o último a falar, isto é, o contraditor, está em posição invejável. Tal afirmação cheira a anti-democratismo, pois contraria o respeito que os liberais devem ter pela opinião e inteligência das pessoas de boa fé que nos escutam.

O Ex.^{mo} sr. Lelo Portela julga que os eleitores, como as crianças pequenas, se deixam influenciar, somente, pelas últimas palavras ouvidas. Tão mau conceito acerca do cidadão eleito—condena o direito ao voto.

Mas não vale a pena discutir por tão pouco. O signatário promete que ninguém contraditará imediatamente o Ex.^{mo} sr. Lelo Portela se S. Ex.^a quiser utilizar os microfones de R. C. P. Em contraposição, o signatário aceita ser contraditado, quer por S. Ex.^a quer por algum outro dos ilustres oposicionistas já entrevistados ou a entrevistar pelos jornais, em qualquer dia que, como candidato da União Nacional, venha a falar ao microfone de R. C. P.

Leal no combate, sempre respeitei a fraqueza do adversário. Entrego-lhe agora uma arma radiofónica que ele não soube criar, nem mesmo conservar por alheio. Em vez de registar gentilmente o facto, o Ex.^{mo} sr. Lelo Portela teve o gesto infeliz de desvirtuá-lo as intenções.

Ora repare que forneço tal arma em condições de desigualdade para mim, visto dar-lhe também a escolha da posição: orador ou contraditor, à sua vontade.

Em consequência dos termos da carta do Ex.^{mo} sr. Lelo Portela, tenho o direito de lançar-lhe este repto, prova bastante da minha sinceridade. Se não levantar juízo, poderei dizer que recusa uma discussão cortês e franca, da mesma forma por que fugiram às eleições só aqueles dos seus amigos que tinham a certeza de perdê-las. Por último: Em sete minutos pode dizer-se muita coisa. É o tempo de ler esta carta. Com a maior amizade e consideração, subscrevo-me. De V.—Jorge Botelho Moniz.

UM BOM RELÓGIO

Exige um bom conserto; e este uma oficina convenientemente apetrechada e dirigida. E' o caso de

CAYRES
RELOJOEIRO
RUA DO OURO, 133 - LISBOA

As reuniões

da oposição

Em comunicação á Imprensa, a comissão central do Movimento de Unidade Democrática deliberou recomendar a suspensão de reuniões públicas desde o próximo dia 27 até 10 de novembro, data em que espera poder realizar a nova reunião de Lisboa; e aconselhar que todas as comissões distritais e concelhias requeiram, no dia 29 do corrente, licença para reuniões locais no dia 12 de novembro. Durante este prazo, prosseguirão, no entanto, os trabalhos de propaganda e organização.

Nas listas de adesões ao Movimento de Unidade Democrática, já dadas a publico, pedem-nos que sejam acrescentados os seguintes nomes: do dr. Pires de Andrade, médico, que enviou um telegrama afirmando a sua concordância com o relatório do Centro Almirante Reis e saudando todos os democratas, sobretudo aqueles que, em Portugal, sonham imprimir, ao actual movimento do democratismo—corpo, inteligência, ordem e disciplina; jornalistas Artur Alpedrinha e Ernesto Carradinha, da filial lisboense do «Jornal de Notícias» do Porto; caricaturista Mário Norton, oferecendo-se para colaborar, como artista, na mesma causa.

—Em Loures, uma comissão de republicanos locais, constituída pelos srs. Abel Teixeira Pinto, A. Gomes Valadares, José Pedro Lourenço e Paulo Caldeira requereu autorização para uma reunião no próximo dia 27, ás 19 horas, na sede dos Barbeiros.

—De Algô (Algarve) comunicam-nos que foi avultado o numero de pessoas que subscreveram as listas de adesão aos princípios enunciados na declaração aprovada na reunião no Centro Almirante Reis. O desenvolvimento com que o «Diário de Lisboa» se tem ocupado do momento político tem sido muito aplaudido.

—Em Castanheira de Pera (Algarve) tem-se registado grande actividade entre os elementos republicanos da oposição, sendo elevado o numero de pessoas que deram a sua adesão ás reclamações formuladas pelo M. U. D.

—Os republicanos de Pampilhosa do Botão, que apoiam as decisões da comissão central do Movimento de Unidade Democrática, enviaram um telegrama ao Chefe do Estado, reforçando o pedido feito no sentido de que as eleições sejam adiadas.

Pensa-se realizar ali uma reunião de demonstração.

—Também na Mealhada se projecta uma reunião dos republicanos locais, que enviarão igualmente um telegrama ao sr. Presidente da Republica a pedir o adiamento das eleições.

—Em Penafiel, está marcada uma reunião da oposição para o próximo sábado, no Cine-Club.

Uma conferência de Imprensa

A Comissão Central do Movimento da Unidade Democrática convidou os representantes da Imprensa portuguesa e estrangeira para uma reunião, que se efectuou ás 11 horas, na sua sede provisória, na rua da Trindade, 15-3.º E., a-fim de fazer «comunicações que reputa de alta importância».

Compareceram numerosos jornalistas, e assistiu como representante oficial do sr. governador civil de Lisboa, o sr. dr. José Soares da Fonseca, deputado á última Assembleia Nacional e candidato pela União Nacional ás próximas eleições, pelo círculo da Guarda. Encontravam-se presentes todos os componentes da comissão, que é constituída pelos promotores da reunião do Centro Almirante Reis.

A actividade no Porto

PORTO, 23.—Hoje, pelas 21 horas, realizou-se no teatro Aliança, em Espinho, uma reunião legalmente autorizada para teatro do Movimento de Unidade Democrática e requerida por médicos, advogados, professores, comerciantes e industriais de Espinho.

Os jornalistas profissionais do Porto, a seguir indicados, coerentes com o principio que sempre defenderam de que a liberdade de Imprensa, integral e sem quaisquer restrições, é condição indispensável ao exercicio da sua profissão, significaram a sua concordância com as deliberações tomadas no Cine Olimpia:

Primeiro de Janeiro, Bartolomeu Severino, Augusto Guerra, Julio de Oliveira, José Martins, Lopes Vieira, Gabriel Maia, Franco Ramalho, Lopes Ferreira, António Borges, Ernesto Balmaseda, Manuel de Azevedo, Zeferino Moura, Viriato Gonçalves, Ataíde Perry, Artur Melo; Jornal de Notícias, António Brochado, Manuel Ramos, Martinho de Oliveira, Alfredo de Oliveira (Ruas), Emilio Loubet, Militão Porto, Joaquim Salgado, Juliano Ribeiro, José Mesquita; A Tarde, Octávio Sérgio, António Souto, Elpidio Alves Ribeiro; O Século (delegação) Mário Amaral, João Arnaldo Maia, António Vale, Cesário Vinhas; Diário de Notícias (delegação), Daniel Felgueiras, Republica (delegação), Silva Petiz; Diário de Lisboa (delegação), Guilherme de Carvalho.

A comissão directiva informa que a secretaria-geral do Movimento de Unidade Democrática passa a funcionar a partir de sexta-feira, 26, na rua da Ponte Nova, 70, salas 5 e 6, para onde deve ser dirigida toda a correspondência e expediente.

Renovando a definição de Douglas Reed que, nas vésperas do Anschluss, lhe chamava a feira das loucuras, um jornal inglês chama á Austria dos nossos dias, retalhada em quatro pedaços, um hospital de alienados. Em nenhum outro ponto da Europa, nem mesmo no Reich vencido, se ostenta, efectivamente, com um carácter tão ostensivo, o espectáculo da falta de unidade entre as grandes potências que fizeram e ganharam a ultima guerra.

A rivalidade dos poderosos em volta da Austria e dos valores que ela representa era já um tema de actualidade no teatro de Schiller, que na «Noite de Wallenstein» inscrevia a frase famosa e durante tanto tempo incompreensível: «O austriaco tem uma patria e razões para a amar». Depois de ter atravessado a guerra dos trinta anos e a confusão do século XVIII, a aventura napoleónica e a febre da era industrial, o abalo dramático da primeira conflagração mundial e a tragédia alucinante da segunda, a Austria volta a lutar desesperadamente pela sua existência no meio duma Europa cuja estabilidade depende da sua sobrevivência mas que, sistematicamente ignora as razões profundas que a explicam e a tornam indispensável.

E' mais uma vez, no combate e na miséria que, como no tempo de Hugo Hofmannsthal, a Austria se debate no meio das suas próprias rivalidades e da incompreensão alheia, a Austria que, segundo a definição lapidar do seu maior escritor, continua a ser «uma emanção do espirito europeu que as forças malignas desencadeadas querem dilacerar e lançar no caos».

A missão europeia da Austria

Por uma coincidência, que se assemelha singularmente a uma ironia do destino, foi á volta do problema austriaco que, pela primeira vez na Con-

EM 3 LINHAS

Está já em revestimento o alçado principal, sobre a praça de D. Luiz, do novo grande edificio dos correios, telegrafos e telefones, nos terrenos que foram da desaparecida Casa da Moeda.

Foi autorizado o contrato com António Ferreira de Almeida, para construção do arquivo do Tribunal da Boa Hora, pela importancia de 436 contos.

Foi votada a verba de 3.420 contos, para construção do edificio dos Correios e Telegrafos da Covilhã.

A Associação de Socorros Mutuos dos Cortadores Lisboenses, foi retirada autorização de todo o exercicio e declarado nulo e sem efeito o alvará que aprovou os seus estatutos.

Edificios dos C. T. T. prontos a ser inaugurados: Montijo, Fronteira, Almeirim, Crato e Valença, que foram entregues pelo Ministério das Obras Publicas e Comunicações á Direcção Geral dos C. T. T.

Na visita, que é publica, amanhã, ás 15 horas, ao monumento de S. Vicente de Fora, Norberto de Araujo, dos «Amigos de Lisboa», que a dirige, falará na igreja, nos claustros e nos terraços.

No n.º 32 do «Olisipo», que hoje saiu, o engenheiro Vieira da Silva, apresenta um programa seu do curso de estudos olisiponenses, da Faculdade de Letras, e que será, certamente uma tábuia para o professor dr. Orlando Ribeiro, que vai reger essa cadeira.

A situação na China

CHUNG-KING, 24—Corre com insistência, nesta capital, que Chang-Kai-Shek ordenou que fossem enviadas tropas aerotransportadas para socorrer a cidade de Tsin-Yang, cuja guarnição militar está a ser atacada por 10.000 «bandidos», magnificamente armados e municiados.

Chang-Kai-Shek pensa também em atacar os referidos bandos com aviação—(United Press)

ferencia de Moscovo, os representantes das grandes potências, que eram, nessa altura, os srs. Cordell Hull, Anthony Eden e Molotov, estabeleceram, em outubro de 1943, um acordo perfeito quanto á atitude comum a tomar no dia em que fosse alcançada a vitória nos campos de batalha.

«Os governos da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da U. R. S. S., dizia a declaração comum publicada em seguida á Conferencia, afirmam o seu propósito firme de verem restaurada uma Austria livre e independente, permitindo ao povo austriaco, bem como aos Estados vizinhos, que tenham de enfrentar problemas identicos, que realizem as condições de segurança politica e economica indispensaveis á conservação da paz».

A' primeira vítima da opressão nazi era devida a reparação exigida pelo seu passado, pelos seus sacrificios e pela sua utilidade europeia. Decorridos seis meses sobre a libertação do seu território, é em regime de ocupação que ela continua a viver. Esse regime é apenas o cenário militar por detrás do qual os vencedores se debatem no meio das suas rivalidades e da sua impotencia. No meio do cenário, um fantasma encanecido, o chanceler Karl Renner, recorda aos imperialismos desvairados o aviso luminoso de Hofmannsthal: «A Austria de futuro não pode conceber-se sem um grande sópro de universalismo espirital».

A maneira forte e a incoerência

Esse sópro de universalismo está a ser substituído pela «maneira forte» do marechal Koniev e do general Bethouard, e pela indecisão dos representantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos encarregados de realizar, em nome das potências ocidentais, a ocupação da Austria. Essa decisão não pode legitimamente ser atribuída aos executores da politica anglo-americana, que são os generais Mark Clark e Morgan, mas ás incoerências e ás contradições dessa politica. Depois de haverem anunciado o reconhecimento do governo Renner, os gabinetes de Londres e Washington reconsideraram a sua decisão, ao mesmo tempo que na zona de ocupação americana a confusão politica atinge o paroxismo e, por toda a parte, o espectro da fome e das epidemias se debruça sobre a terra martirizada da Austria.

«A Austria», escreveu um dia Ludwig Bauer, só não é um Estado viável no dia em que lhe não consentirem que o seja». Decerto a Austria era em 1919, como é em 1945, um Estado viável. Mas nos dois casos a sua sobrevivencia dependeu sempre, fundamentalmente, do acordo entre as grandes potências interessadas na sua sobrevivencia. Ha sete anos Mussolini, abandonando a guarda do Brenner destruiu o equilibrio continental. Desta vez parece cada vez mais difficil articular esse equilibrio á volta do futuro da nação austriaca.—C. F.

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL AS 6 HORAS T. M. G. DE HOJE—Mantem-se a frente polar ao sul da depressão da Islandia. Uma nova perturbação atingiu a Inglaterra e noroeste da França. A seguinte está centrada a NW dos Açores.

Temperaturas: Londres, 15º; Paris, 15º; Madrid, 10º; Lisboa (Monsanto), 15º.

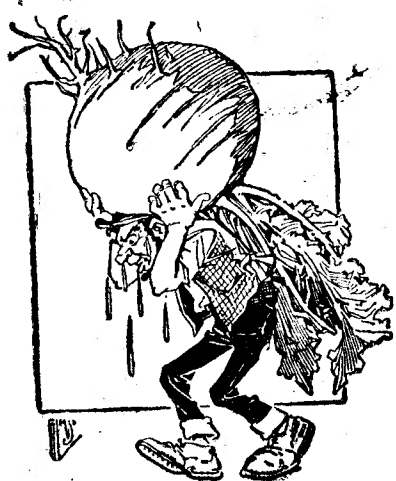
FENOMENOS OBSERVADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS—Tempestade nas Ilhas Británicas e grande agravamento no norte da França. Chuva fraca nos Açores.

EVOLUÇÃO PREVISTA—A perturbação que alcançou as Ilhas Británicas, está já em plena oclusão, podendo ainda influenciar de maneira moderada a parte setentrional da Península. Por consequência:

TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM PORTUGAL—Norte e Centro—Vento SW, moderado, passando mais tarde a NW fresco. Alguns aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Pequena descida de temperatura. Sul—Vento NW, moderado. Céu bastante coberto e tendência para trovoadas. Temperatura sem modificação apreciável.

(Informação do Serviço Meteorológico do Exercito).

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até ás 16 horas, segundo o registo do Observatorio Infante D. Luiz: maxima, 22º.4; minima, 14º.8. No mesmo dia do ano passado: maxima, 19º.3; minima, 12º.2.



NABOS

Serve-se nabos, para ter abundância de boas nabijas, bons nabos e saborosos grelos.

Temos à venda sementes novas das seguintes variedades:

Bola-de-ouro, amarelo, redondo.
Bola-de-prata, branco, redondo.
Inglês, branco, comprido, seródio.
Roxo, chato, de folha inteira.
Roxo comprido, temporão.
Roxo, redondo, temporão.
Salão, branco, redondo, temporão.
De S. Cosme, redondo, temporão.
De Sintra, branco, muito temporão.
Temporão, de grelo.

JERONIMO PEREIRA MENDES & C.^a
ESPECIALISTAS DE SEMENTES
ESTABELECIDOS DESDE 1911

Rua dos Correios, 277 a 281

LISBOA



GLÓRIA AO VINHO DE COLARES

É feito de sumo puro de uvas Ramisco o vinho que — após longos meses de repouso no decurso dos quais assenta e cria personalidade — é orgulho da vossa mesa, alegria do vosso paladar.

Saudemos este produto magnífico duma natureza ardente e ativa!



VINHO
DE
COLARES

HAVAS

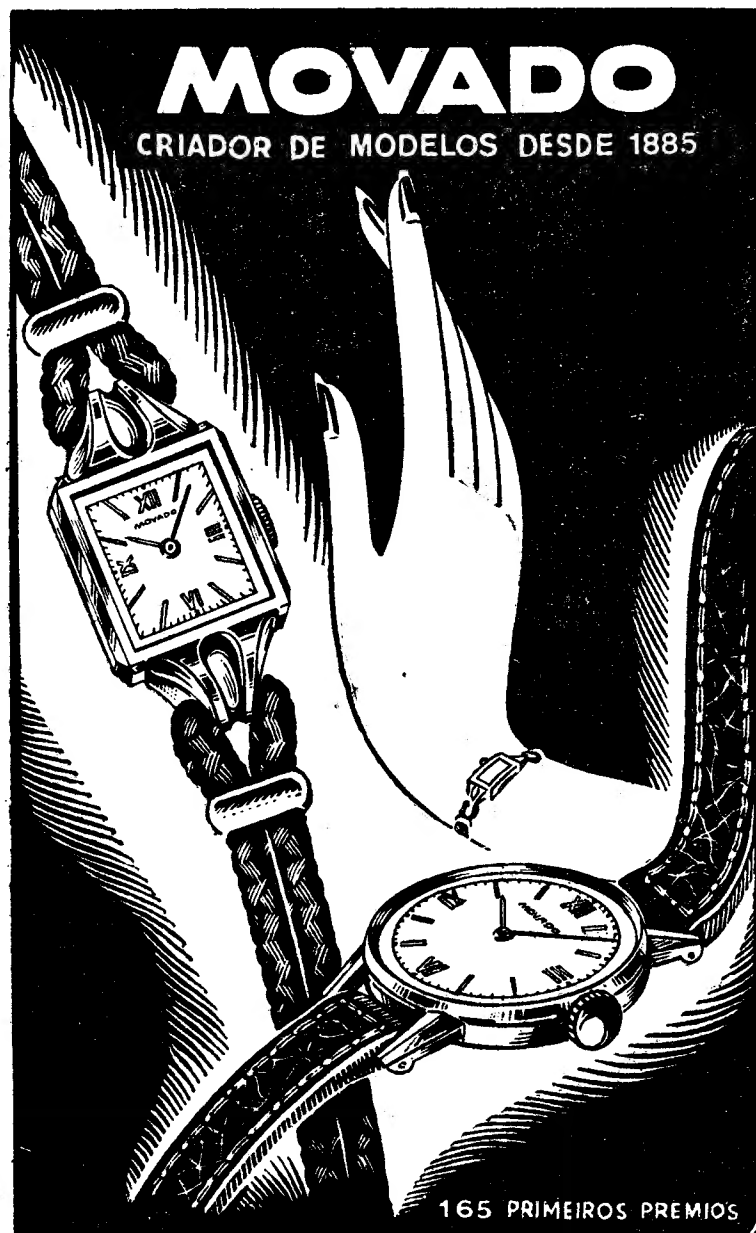
DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o máximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11
à R. Alexandre Herculano

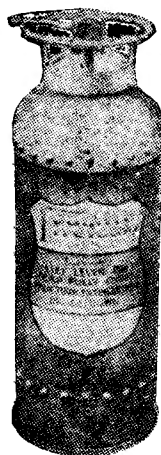


Po de arroz
Rouge
Creme
Balon
(não gorduroso)
São produtos de alta classe



165 PRIMEIROS PREMIOS

RISCO DE FOGO



Com a falta de água, aumentam os riscos de fogo.

Um extintor a espuma é a maneira segura de se estar bem prevenido.

— **ESPUMA FOAMITE** —

UNICA GARANTIA CONTRA FOGOS DE GASOLINA E ÓLEOS

EXTINTORES INGLESES

“**FOAMITE**”

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL:
GME. GRAHAM JNR. & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA
Tel. 20066/9

Rua dos Clérigos, 6
PORTO
Tel. 880/1

FARINHA 33

FORTIFICANTE, SABOROSA
RECONFORTANTE

9 anos de sucesso sempre crescente
Vende-se em toda a parte

PRECISA-SE

Casa, c/ jardim, 5 quartos-cama, e acomodação p/ 3 criadas, máxima distancia do centro da cidade 5 kms. Prefiro s/ mobílias. Na resposta indicar renda mensal. Carta a este jornal ao n.º 320.



PAL

Faz uma barba diferente... porque é um género diferente de lamina

O GUME É CONCAVO

AGENTE exclusivo em Portugal:

MAX NACHMANN

R. dos Correios, 174 — LISBOA — Tel. 26609



UMA CARTA DACTILOGRAFADA NUMA MÁQUINA DE ESCRIVER “HALDA” DISTINGUE-SE ENTRE TODAS PELA BELEZA EXTRAORDINÁRIA DA SUA ESCRITA, ELEGANTE, NÍTIDA E BEM LEGÍVEL. ALÉM DISSO AS MÁQUINAS SUECAS “HALDA” SÃO PROEMINENTES PELA SUA INCRÍVEL SUAVIDADE DE “TOQUE”, SUA VELOCIDADE ILIMITADA E SUAS LINHAS E CÔR HARMONIOSAS.



HALDA

A GRANDE MARCA SUECA QUE V. EX.^a DEVE HOJE MESMO EXPERIMENTAR SEM QUALQUER COMPROMISSO.

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL

SUL AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º, E. - LISBOA
NORTE SANCHES & NETO, LDA
RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 310-2.º - PORTO



BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada

Rua Augusta, 275-4.º - Tel. 29607



PRODUTOS
DE BELEZA

Rainha
da
Hungria

WANDOS

O ENCANTO NATURAL DA
MULHER QUE QUERE CON-
SERVAR A SUA BELEZA



Maria José Duarte Santos
FALECEU

R. I. P.

Maria Eugénia da Gama Machado e demais família, participam a todas as pessoas do seu conhecimento, que foi Deus servido chamar á sua Divina presença a sua muito querida e chorada mãe, irmã, tia, e parente, realizando-se o seu funeral amanhã, pelas 10 e 30 horas da sua residência, avenida Elias Garcia, 110, 3.º, E.º, para o cemitério do Alto de S. João.

Agencia Castanheira & Teles
Telefone 48730

Livros novos

«A obra dum isolador», de Mário Portocarrero Casimiro



Mário P. Casimiro

Ao seu livro «Tripeiros de gema», onde se fixam alguns dos vultos mais notáveis que nascidos no velho e honrado burgo portuense deram lustre à arte e à literatura, Mário Portocarrero Casimiro, está a escrever, como honrosa réplica, outro, intitulado «Alfacinhas de raiz», que é uma seleção e elogio dos valores específicos de pensamento, das terras do sul, com Lisboa em maior.

Dêse livro, que aguardamos com interesse, o distinto homem de letras, que é Mário Portocarrero Casimiro, extrai agora um estudo biográfico-crítico sobre José Maria Ferreira, que denominou: «A obra de um isolador». Nêle se referencia, com apreciações elogiosas, todos os livros do poeta, observando-se em pormenor os temas versados e os primores do estilo. Podemos dizer que José Maria Ferreira encontrou um biógrafo escrupuloso. E cá ficamos à espera dos «Alfacinhas de raiz», teoria quase infundável de figuras literárias, a que o autor, com os seus dotes, dará, decerto, o relevo necessário, em traços de humana simpatia.

«Regresso à natureza», por Boavida Portugal

Boavida Portugal, nosso camarada na Imprensa e um dos espíritos cultos e trabalhadores das modernas camadas jornalísticas, publicou a conferência que, há tempos, a convite da Sociedade Portuguesa de Naturologia, realizou subordinada ao título de «Regresso à natureza». Trata-se de um livrinho útil onde, como não podia deixar de ser, se faz a apologia da vida, em contacto com o ar livre e os produtos naturais, para uma melhor existência e uma felicidade mais sã. Todos estes conceitos são, na sua simplicidade ou na sua aridez, expressos com um verdadeiro estilo literário que faz de «Regresso à natureza» uma leitura amena e sedutora—e salutar como os conceitos que defende.

A situação na Itália

(Continuação da 1.ª pag)

espanta: viram tantas coisas de há alguns anos para cá... Palazzo Maccagno, Palazzo Rezzonico, Academia Prefetura, Santa Maria della Salute: o eterno Canaletto, o eterno Ziem, o eterno Waroquier.

Os oficiais estão alojados no hotel Luna, perto de San Marco, e o seu clube «Yaall Eri» é no Europa. O «W. O. S. and Sgts Club» é no Albergo Principe; o «O. R. S. Club» no Ridotto; o «Y. M. C. A. no Victory Club. Os «U. D. F. troops» ocupam o Internacional; os neozelandeses, muito exclusivistas, o Danieli; as «Indian Forces», um pouco mais longe, o Albergo Yolanda, no Cais dos Escravos. Há também em Veneza soldados italianos de licença: os soldados no Albergo Vittoria, os oficiais no hotel Monaco; pertencem às cinco divisões que acabaram a campanha ao lado dos Aliados. Mas, sobretudo, há os venezianos, para quem toda esta gente não é mais que turistas de uniforme.

Camisas americanas, tunicas de tussor e shorts do exército de África, uniformes de cotim branco dos marinheiros; à noite, para jantar com musica, vestem calças. Nos «bars» do «Officer's Club», nos grandes salões onde à noite se dança, julgamo-nos no Cairo, em Miami, ou em Singapura. Inúmeros criados, serviço perfeito, cocktails, caldo frio, lista de vinhos, frangos, anisete gelado. Fora, é Veneza que triunfa: esta Veneza intacta onde não caiu uma bomba, nem um obus; esta Veneza onde não falta um fragmento de mosaico, uma folha de acanto, um florão, um quadro ou uma concha rosada; onde as mesmas silhuetas passam sobre as mesmas pontezinhas; onde as mesmas loggias sumptuosas esperam em vão os mesmos doges; onde se vendem as mesmas melancias; onde se acendem, à noite, os mesmos archotes para alumiar os mesmos grupos de tocadores de viola, junto da água negra. Floriano é sempre Floriano; o «café» dos Quadri é sempre o «café» dos Quadri. Banhada por uma luz teatral, a praça de San Marco, com os seus passeantes, os seus habitantes que tomam o

Homenagem ao grande benemérito comendador António Maria Augusto da Silva

PORTO, 23.—Foi uma magnífica manifestação de apreço e reconhecimento a homenagem prestada ao grande benemérito António Maria Augusto da Silva, importante comerciante da rua do Almada, desta cidade, e tesoureiro da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco. O Governo agradeceu-o, há tempos, pelos seus altos serviços prestados aos pobres e instituições de caridade e assistência, com a comenda da Ordem de Benemerência e logo um grupo de amigos e admiradores resolveu oferecer-lhe as respectivas insignias que seriam adquiridas por subscrição. Constituiu-se, para isso, uma comissão promotora constituída pelos srs. cônego dr. Joaquim Manuel Valente, vice-provedor daquela Ordem, Alvaro da Silva Maia, Avelino Moura Bastos, José Francisco de Magalhães Filipe, D. Amantino Correia, António de Sousa Pinheiro e Edmundo Rocha. E adquiridas as insignias por subscrição entre muitos os maiores amigos do sr. comendador António Maria Augusto da Silva, deliberou-se entregar-lhas durante uma brilhante sessão solene há dias realizada na sala do capítulo da Ordem Terceira de S. Francisco, ornamentada com colgaduras de damasco. A mesa de honra foi presidida pelo sr. D. António Valente da Fonseca, bispo de Vila Real, ladeado pelo homenageado e pelos srs. dr. Alvaro Trigo de Abreu, que representava o subsecretário de Estado da Assistência Social; dr. Arménio Salgado, dr. Lopes Rodrigues, director da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal; dr. João Rodrigues, cônego dr. Ferreira Pinto, reitor do Seminário de Teologia, e pelos membros da comissão organizadora da homenagem.

A assistência era numerosíssima e distinta. A guarda de honra era feita por internados do Asilo Profissional do Terço, devidamente uniformizados e armados.

Aberta a sessão, discursou o rev. cônego dr. Joaquim Manuel Valente, que começou por agradecer ao sr. bispo de Vila Real a sua assistência àquela homenagem a um filho querido da sua terra natal. Agradeceu, também, ao subsecretário de Estado da Assistência que se fez representar naquela festa e falou, seguidamente, do homenageado, afirmando que raras vezes ficam tão bem as insignias da Ordem de Benemerência como no peito honrado do sr. comendador António Maria Augusto da Silva. Fala, depois, largamente, da vida do homenageado, desde que, aos 12 anos, decidiu deixar a sua terra natal—Valega—para ser caixeiro no Porto até à sua luta sem tréguas que lhe granjeou muitas simpatias e, depois, decorridos 20 anos, a sua independência, mereço do amor ao trabalho e ao dever. Vencidas todas as dificuldades—prosseguiu o arador—começou a ganhar grande relevo no meio comercial portuense e, o que é mais, tinha adquirido a cultura necessária para avultar na sua vida social. Referiu, depois, as benemerências do homenageado não só para a Ordem de S. Francisco, onde o comendador António Maria Augusto da Silva resolve sempre todas as dificuldades, mas também em favor de outras instituições e dos pobres que, muitas vezes, nem chegam a saber donde lhes vem o amparo que lhes suaviza a vida. E a concluir, afirmou:

—Mas o sr. comendador António Maria Augusto da Silva não vive, ainda, só para os pobres; vive, também, para a sua família e, por isso, v. ex.ª é o exemplo admirável nesta hora grave que o mundo atravessa e que se não pode esquecer. Cidadão de ouro! Se os seus amigos lhe prestam esta sincera homenagem é para que o seu exemplo irradiado lá por fora e para fazerem votos por que a sua vida seja longa, a fim de que não falte aos seus inúmeros pobres. Seguidamente, no meio de calorosas salvas de palmas, o sr. bispo de Vila Real impôs as insignias da Ordem de Benemerência no homenageado, que não escondia a sua emoção.

E o sr. D. António Valente da Fonseca pronunciou, depois, pequeno discurso, dizendo que se podia ficar por ali, fazendo suas as palavras do sr. cônego Valente; mas, como amigo e conterrâneo do homenageado desejava pronunciar breves palavras. Ao colocar-lhe ao peito a comenda com que foi agraciado o sr. comendador António Maria Augusto da Silva, não disse nada; mas diz agora: ela representa o prêmio das suas altas qualidades. E esta sessão solene frizou—é uma homenagem sincera e sentida dos seus inúmeros amigos e admiradores. O homenageado é o continuador dos homens de bem, seguindo na sua esteira.

E depois outras considerações sobre a vida e a obra de bem-fazer do sr. comendador António Maria Augusto da Silva, terminou por pedir à Providência que lhe conceda longos anos de vida para poder continuar com as suas dádivas. Que Nosso Senhor abençoe essas mãos e bem haja pelo bem que tem feito—concluiu por meio de palmas demoradas.

A banda do Asilo do Terço executou, a seguir, alguns números do seu repertório, enquanto a assistência se dirigia à mesa de honra, se associavam, assim, a homenagem. Durante a sessão foram recebidos muitos telegramas de pessoas que, não podendo assistir, se associavam, assim, a homenagem.

A noite, no grande Hotel do Porto, realizou-se um jantar de homenagem em que tomaram parte cerca de 250 convivas. Presidiu o sr. comendador António Maria Augusto da Silva, ladeado, à direita, pelos srs. cônego dr. Joaquim Manuel Valente, rev. Manuel Matos Soares, engenheiro Manuel Carneiro Galdes, dr. Arménio Salgado, Umberto Lima Dias de Almeida, rev. António Augusto da Costa Leite e dr. Lopes Rodrigues; e à esquerda, pelos srs. dr. Alvaro Trigo de Abreu, dr. José Gomes dos Rios, monsenhor Artur Aurélio Pinheiro, sr. de Manuel de Matos, dr. Manuel de Matos, dr. Canto Moniz, sr. de Carlos Leal, dr. Carlos Leal e dr. Rolando anzele.

Ao espumoso, usou, em primeiro lugar, da palavra o rev. cônego dr. Joaquim Manuel Valente, que começou por agradecer a maneira espontânea como todos acorreram ao convite da



Comendador António Maria Augusto da Silva

comissão e falou do homenageado que, disse, tinha direito àquela homenagem, porque recebe as bênçãos de Deus. Fala da dedicadíssima esposa do sr. comendador António Maria Augusto da Silva, que tem sido, em toda a vida, grande esposa e grande mãe, e terminou por beber pelas prosperidades do homenageado e de sua família.

Falaram, a seguir, os srs. dr. José Gomes dos Rios, dr. Lopes Rodrigues, dr. Aureliano Gonçalves Braga Junior, Ulisses António da Conceição, dr. Canto Moniz, rev. Costa Leite, rev. Matos Soares, que saudaram efusivamente o homenageado e sua família. O sr. Faustino de Andrade, genro do homenageado, propôs, depois, que se organizasse, em favor da Associação Protectora da Infancia, tão necessitada de auxilio, uma colecta. Abria, por isso, a subscrição com a oferta de 1.000\$00 da firma António Augusto da Silva & C.ª. Recolhidos os donativos, verificou-se que a colecta rendera a apreciável soma de 5.200\$00. Falou, ainda, o nosso colega na Imprensa Juliano Ribeiro e, por ultimo, o homenageado, que agradeceu a manifestação que lhe haviam preparado e que considerava inmerecida. Falando de si, disse que os seus actos são sempre ditados pelo coração, pois sente sempre prazer enorme quando estende a sua mão quente à mão fria dum pobre. Terminou, no meio de grandes manifestações de simpatia, por afirmar que se tem algumas qualidades as deve a seus pais, que sempre o guiaram pelo caminho do trabalho e do bem.

Durante o jantar, foi lido um telegrama do sr. dr. Trigo de Negreiros, subsecretário de Estado da Assistência, associando-se à homenagem prestada ao sr. comendador António Maria Augusto da Silva.

COMO O QUE ME APETECE!



Foi-se a flatulência

Saboreie a comida sem medo dos efeitos dolorosos subsequentes. Ponha ponto no sofrimento causado pela indigestão, gases e ardores, tomando Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos neutraliza rapidamente o excesso de acidez e acaba com as perturbações do estômago.

DIGESTÃO ASSEGURADA

MAGNÉSIA BISURADA

Venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

Material Escolar

E DE DESENHO

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO E BRINDES

ARTEX—PAPELARIA

85, R. Nova do Almada, 87—Tel. 2 6656

SEMPRE

que lhe surja qualquer dificuldade de ordem técnica, tanto em Rádio como em Electricidade,

SEMPRE

que necessite adquirir material eléctrico de qualquer espécie, dirija-se a

ELECTRO-LISBOA, L. DA

Será atendido por pessoal devidamente habilitado, que lhe dará todas as indicações.

Cabos, fios de todos os tipos, lâmpadas de todas as voltagens, etc., etc.

Revendedores gerais da

LAMPADA LUMIAR

Descontos a revendedores

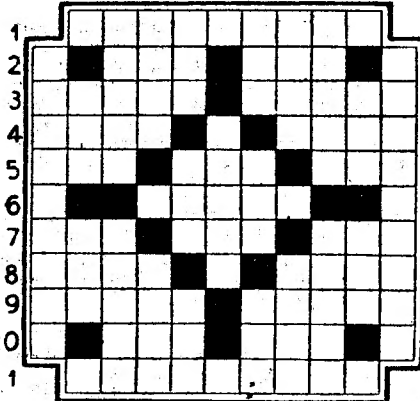
Rua Augusta, 246, 248—Tel. 20568

PIERRE FREDERIX

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1122

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Culto da humanidade. 2—Afirmção. O que serve para encobrir alguma coisa. 3—Conduzir. Diferente. 4—Opera de Verdi. Canal aberto por Fernando de Lesseps, uma das obras mais grandiosas levadas a efeito pelo génio do homem. 5—Intimo. Progenitor. Decameiro quadrado. 6—Vila e concelho do distrito de Lisboa, onde D. João V mandou construir monumental convento que custou fabulosa quantia. 7—Pegadeira. Grelha. 8—Senhora. Solicitei. 9—Discípulo. Saltar. 10—Antigo dialeto do norte da França. Old. 11—Manjar doce.

VERTICAIS: 1—Astutas. 2—Viscera. Malícia. 3—Gasto. Mostrou-se ofendido. 4—Olha. Substancia que tinge de azul. 5—Estima. Parceiro. Iço. 6—Janota. 7—Nome de homem. Córera. Coloca. 8—Pronome possessivo. Lustrei. 9—Recíproca. Freguesia de Lisboa onde se eleva o majestoso mosteiro que comemora o descobrimento do caminho marítimo para a Índia. 10—Raer. Partida. 11—Estudante que falta às aulas.

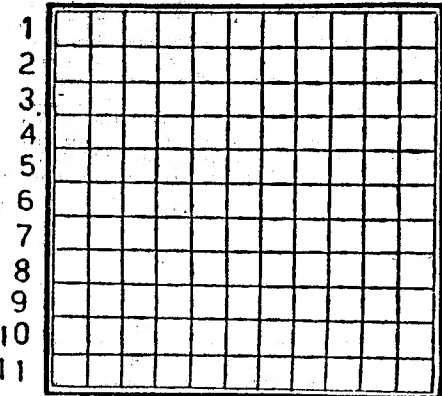
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1121

HORIZONTAIS: 1—Guatemala. 2—Amiudadas. 3—Acesa. Sável. 4—Dar. A's. Cai. Agi. 5—Iró. Reabrir. 6—Oro. Ser. 7—Pecúria. Aga. 8—Eta. Mio. Sô. Rás. 9—Casas. Apódo. 10—Rotacismo. 11—Isolariam.

VERTICAIS: 1—Vadio. Pêco. 2—Acarretar. 3—Umoro. Ocasos. 4—Ais. Ar. Um. Ato. 5—Tuas. Elai. Sal. 6—Educa. Ronca. 7—Mas. Abri. Sair. 8—Ada. Ir. Ao. Psi. 9—Lavais. Aromia. 10—Segregado. 11—Alia. Rasos.

PROBLEMA N.º 171

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Pêla. Quadrupede rumicante de pontas redondas e ramosas. 2—Peixe marítimo vulgar (pl.). 3—Lingua antiga falada ao sul do Loire. Colarinho. 4—Apelido. Igual. 5—Pedra do arco da abobada. Estiagem. 6—Engana-se. Repito trecho de música. 7—Grande cão de fila. Suspende. 8—Doença. Estupido. 9—Automóvel. O mais. 10—Compêndio geográfico. 11—Que tem ossos. Cantiga.

VERTICAIS: 1—Covil. A medula das plantas. 2—Fêmea do cão. Estás. 3—Artigo definido. Campeão. Símbolo químico do ósmio. 4—Nota de música. Simples. Procede. 5—Anel. Genuíno. 6—Senhora. Pé de animal. 7—Povoação de categoria entre a cidade e a aldeia. Sem consistência. 8—Eia! Tratamento que se dava aos reis de França. Andar. 9—Interjeição. Dôr. Nesse lugar. 10—Oferece. Castiga. 11—Gênero de moluscos acefalos. Divisão duma casa.

VIDA MUNDANA

CASAMENTOS

Realizou-se, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria dos Anjos Abreu, filha da sr.ª D. Deolinda Martins Abreu e do sr. Sebastião de Abreu, com o sr. José Veloso Rodrigues Batalha, nosso prezado colaborador, filho da sr.ª D. Elvira da Conceição Andrade Veloso Batalha e do sr. João Henrique Marques Rodrigues Batalha, ambos já falecidos. Foram padrinhos, por parte do noivo, a sr.ª Doroteia Veloso Moreau e o jornalista Tavares da Silva, e por parte da noiva, a sr.ª D. Lidia Conceição Moedas e o sr. Ricardo Rebelo Capela, conhecido industrial de Estremoz. Aos convidados foi servido um delicioso «copo de água». Os noivos saíram de Lisboa, em «lua de mel».

PROFESSOR DR. COSTA SACADURA

Regressou a Lisboa, da sua casa de Abruñosa, e retomou já a sua clínica, o sr. prof. dr. Cos'ia Sacadura.

NOTÍCIAS DE BEJA

BEJA, 24.—Foram nomeados para prestar serviço no liceu de Beja, durante o ano lectivo de 1945-46, os seguintes professores: Diamantino da Costa Soares, Alberto dos Santos Afonso, D. Maria Georgina Ventura de Almeida, D. Julia da Conceição Pires Lopes, D. Libertaria Maria Henriques e João da Fonseca e Silva.

—E' o seguinte o programa das sessões de propaganda eleitoral promovidas pela União Nacional, a realizar no distrito de Beja: dia 28, às 16 horas, em Moura; dia 29, às 21 e 30, em Serpa; dia 3 de novembro, às 16, em Almodovar; dia 4, às 15 e 30, em Ourique; dia 4, às 21, em Castro Verde; dia 7, às 21 e 30, em Ferreira do Alentejo; dia 11, às 16, em Aljustrel; dia 12, às 21, em Cuba; dia 14, às 21 e 30, em Beja.

Choque duma camioneta com um comboio

VOUZELA, 24.—No lugar de Mossamedes, deste concelho, uma camioneta de carga chocou com o comboio correio que seguia de Visseu para Aveiro, numa passagem de nível sem cancelas, ficando o motorista com o crânio fraturado.

A camioneta, apesar de ter sido projectada a certa distancia, sofreu poucas avarias.

O ferido seguiu no mesmo comboio para receber tratamento no hospital de S. Pedro do Sul.

AERO-PORTUGUESA

Os aviões da Aero-Portuguesa, da carreira Lisboa-Tanger, que saíam às segundas-feiras, passam a partir das terças à mesma hora.

PORQUE
AS ROMANAS TINHAM UMA
CÚTIS RESPLANDESCENTE?



Pompeia... este sugestivo nome evoca um passado de uma elegância «rafinée»; todo o fausto e luxo de uma época tem como complemento o bom gosto e a qualidade.

Pompeia: produtos de beleza, cuja fama os eternizou.

L.T. PIVER

A FISCALIZAÇÃO DAS VINHAS

SEVER DO VOUGA, 21.—Esteve neste concelho a brigada encarregada da contagem das videiras americanas, que, após breve demora, se retirou para Viseu.

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
OS MAIS BAIXOS PREÇOS

Preferir a «SRA» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. Facilidades de pagamento para quem as deseje aproveitar

Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

A 100\$00?

O QUÊ??

MALAS LINDÍSSIMAS PARA SENHORA

Só no

SALÃO DE VIENA

Rua Eugénio dos Santos, 27, 1.º

PNEUS

Vamos brevemente receber 2.ª remessa de borra-cha americana e possivelmente será a n/ tabela modificada

Preferir a n/ casa é ter a certeza de ser óptima-mente servido

RECAUCHUTAGEM CAMÕES, L.D.A
R. de Anselmo Braancamp, 308 — PORTO

Agentes oficiais:

VARANGA & QUEIROZ

Avenida António Augusto d'Aguiar, 7-A — LISBOA

EXPORTADORES E IMPORTADORES

que desejem anunciar para vender os seus produtos ou para obter representações nos seguintes países: Estados Unidos, Inglaterra, Suécia, Suíça, França, Canadá, Índia Inglesa, Espanha e África Portuguesa podem dirigir-se à **AGENCIA EVA, LD.**, 147, Rua da Conceição, 149. Esta agência está representada naqueles países pelas mais importantes agências de publicidade

No Rádio Club Português



Francisco Valença tem, no «Sempre Fixe» de hoje, uma admirável página de «charges» à attitudão do Rádio Club Português em presença da campanha eleitoral.

Engracadíssima, também, a página gráfica «Ecos da Semana», de Botelho.

Stuart Carvalhais, Pargana, Páramos, Pintéus, Martínez e Aranal são os outros artistas representados neste numero do apreciado semanário humorístico.

Excelente colaboração em prosa e em verso. Numero avulso: \$50. Assinaturas: rua da Rosa, 57, 2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

Os actos comemorativos

do «Dia da Cidade»

Para dar início às festas comemorativas do «Dia da Cidade», o sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa reuniu, à sua volta, grande numero de crianças, a quem ofereceu alguns livros. Trata-se de filhos dos funcionários mais pobres do município, sócios da Caixa de Pensões e Reformas, e que alegraram, cêrco, de uma hora, o salão nobre dos Paços do Concelho, onde a cerimonia se realizou.

Amanhã, «Dia da Cidade» será comemorado, às 11 horas, na sala do B. S. B., com a entrega da medalha de ouro de bons serviços à viúva do chefe Longueiro, que faleceu por acidente sofrido no incendio de Canaças; à tarde, será inaugurada a biblioteca no Bairro Dr. Oliveira Salazar, haverá concertos populares e sessão solene nos Paços do Concelho, sob a presidência do Chefe do Estado. Nessa sessão, será inaugurado o curso de estudos olímpicos, pelo prof. dr. Orlando Ribeiro, e serão distribuídos o prémio literário Julio de Castilho e medalhas a vários funcionários municipais.

Às 15 horas realiza-se uma visita ao monumento de S. Vicente, promovida pelos «Amigos de Lisboa», e que será dirigida pelo nosso camarada Norberto de Araújo, um dos directores do grupo.

À noite, em encerramento das festas, realiza-se no Coliseu o grande concerto sinfónico, com a Orquestra Sinfónica Nacional, que será dirigida pelo maestro Rui Coelho.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLICIA

NOTAS FALSAS DE 500 ESCUDOS—Para Évora seguiram dois agentes, que vão investigar acerca das notas falsas de 500 escudos que apareceram ali em circulação.

EMPREGADO INFIEL—Acácio Alves, morador na avenida Almirante Reis, 62, 4.º, queixou-se contra um seu empregado que se ausentou depois de lhe ter furtado dinheiro e objectos no valor de milhares de escudos.

DESASTRES

NA CAÇA—Paulo Vitor, de 40 anos, carpinteiro, natural do Tojal, quando ontem andava à caça, com um companheiro, foi por este, involuntariamente, atingido na cara, com um tiro de espingarda.

EMISSIONES RADIOFONICAS

Com a emissão de hoje, às 22 e 15, atinge o 4.º aniversário o programa «Palavras», levado ao vento, interpretado pelos artistas Maria de Oliveira e Manuel Lereño.

GRUPOS ONOMASTICOS

Foram aprovados os estatutos do grupo onomástico «Os Henriques», que instalou a sua sede na calçada de S. Francisco, 6, 1.º Dt.º. Agradecemos a importancia de 20\$00 para os nossos pobres.

Concursos de promoção a consul de 1.ª classe

Está marcado para o dia 5 de novembro próximo o início das provas de concurso de promoção a consul de 1.ª classe. Para o júri, foram nomeados os ministros plenipotenciários de 1.ª classe, drs. Pedro Tovar de Lemos, e Carlos Sampaio Garrido, e, ainda, os catedráticos dr. Mario de Figueiredo, da Faculdade de Direito de Coimbra, e dr. Marques Guedes, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

A obra de política social realizada com base no Estatuto do Trabalho Nacional

(Continuação da 1.ª pag)

cido de que o Estatuto haja sido para os trabalhadores tão só uma vaga e vã promessa...

O Estatuto do Trabalho Nacional e as suas consequências práticas

—Quere dar-nos alguns elementos em reforço da sua opinião?

—E' muito fácil—responde o sr. dr. França Vigon.—Como primeira realidade, basta que se diga que o Estatuto do Trabalho Nacional dimanou o principio do contrato colectivo de trabalho que estabeleceu igualdade de posição da empresa e do trabalhador. Também pode ser considerado insignificante e incaracterístico o principio do reconhecimento do direito ao salário justo e humanamente suficiente, que restitue ao trabalhador a sua dignidade humana, lhe reconhece o direito á vida, e rompe com o conceito individualista do trabalho-mercadoria? E, pelos vistos, ignora o dr. Jacobetty Rosa que, através das convenções colectivas e dos despachos de fixação de limites mínimos de salários, se melhorou a situação económica de muitos e muitos milhares de trabalhadores. E ignora, portanto, que raros são os sectores onde se não deu um corajoso e decidido passo para a subida do nível social.

—Por exemplo...

—Por exemplo, como pôr em duvida que, pela garantia do aviso prévio na revisão do contrato de trabalho, se acautelou a estabilidade de ocupação do trabalhador, que a este foi assegurado o benefício das férias pagas, que, pela concessão de abono de família, se veio em auxílio das famílias numerosas, que, sob a forma da previdência organica, se realizou uma obra enorme de seguro social obrigatório que pôs já a coberto uma grande massa do operariado dos riscos de doença e desemprego involuntário e lhe garante pensões de reforma na velhice e na invalidez?

E o sr. dr. França Vigon acrescenta:

—Só há dificuldade na escolha dos exemplos porque são inúmeros! Mas pode alguém ignorar ou esquecer que se construíram bairros inteiros de habitações económicas, povoadas por trabalhadores, aos quais se assegura a sua propriedade, num esforço benéfico de desproletarização; que se criaram colónias de férias para os períodos de repouso dos que trabalham; que funcionam restaurantes económicos para trabalhadores onde—já nesta primeira fase—almoçam em Lisboa e Porto 3.088 pessoas por dia? Estas realidades são tão evidentes que só

não as vê quem fecha os olhos! Insisto: só pela ignorancia de tudo isto se pode explicar a acusação, bem pouco verdadeira—e que a paixão partidária por si só não absolve!—de que o Estatuto do Trabalho Nacional contém apenas promessas—«vagas e vãs». Mais parece vã e mais parece vaga a critica formulada com tão pouca objectividade e tão pouca isenção mental!

A originalidade do corporativismo português

—Discute-se a originalidade do sistema corporativo português e há quem o diga inspirado em doutrinas de origem estrangeira...

—Sim, de facto, essa nota constitue uma espécie de leit-motiv: a de que a organização corporativa portuguesa foi uma simples cópia dos sistemas fascistas e nazistas! Já que repetem tanto esta acusação gratuita, serei, também, obrigado a recordar o que recentemente escreveu o, aliás, douto professor dr. Teixeira Ribeiro, da Faculdade de Direito de Coimbra. Efectivamente, no seu ultimo trabalho, o professor Teixeira Ribeiro ensina que «o destino do corporativismo não está, como alguns supõem, ferreamente ligado á sorte vária dos regimes políticos. Sejam estes da esquerda ou da direita, queiram servir de ponte de passagem para a colectivização ou reforçar a propriedade privada—em ambos os casos haverá que dirigir mais ou menos a economia; e como o Governo, decerto, o não fará sozinho, haverá que recorrer ao concurso dos produtores—e teremos corporações». Como o dr. Teixeira Ribeiro pertence, justamente, ao numero dos católicos que deram a sua simpatia aos principios do Centro Almirante Reis, deve ser uma opinião insuspeita para os nossos neo-democratas-anti-corporativistas...

E o dr. França Vigon continua:

—Por mim, devo dizer que tenho o maior respeito pela probidade científica do dr. Teixeira Ribeiro, que, apesar de parecer não concordar politicamente com o nosso sistema, tem feito na sua cátedra de Coimbra um curso notável e objectivo de direito corporativo português. Os srs. engenheiros Sá Cardoso e dr. Jacobetty Rosa terão muita pena de que isto seja assim, mas teriam tudo a ganhar em frequentar como ouvintes o curso do professor Teixeira Ribeiro. Se o tivessem feito, talvez não incorressem em tantas e tão flagrantes confusões e contradições.

Não se modificou a fisionomia dos organismos corporativos

—No entanto, interrompem, na ultima das duas entrevistas a que se refere nem tudo, na organização corporativa, mereceu criticas severas...

—De facto, o dr. Jacobetty concedeu que a primeira fase da organização corresponde a excelentes e judiciosas intenções de representação das actividades. Diz-nos ele: «é a altura dos primeiros estatutos em que se estabelecia a existencia de corpos electivos e corpos eleitos, assistidos estes de conselhos consultivos—é a fase federativa». E' pena que a sentença resulte obscura, em virtude das incorrecções de expressão que lhe prejudicam o carácter lapidário. Também não se sabe o que entende o entrevistado do «Diário de Lisboa» por *federativo*, adjectivo arbitrariamente apendiculado a uma fase que se pretende definir pela existencia, nos estatutos dos organismos, de *corpos electivos*, *corpos eleitos* e conselhos de indole consultiva...

E com firmeza o sr. dr. França Vigon esclarece:

—A verdade é que se não modificou a fisionomia dos organismos corporativos e que a divisão em períodos da historia do nosso corporativismo—não é tão fácil como julga o vosso referido entrevistado... Os textos legais são os mesmos, permanecem intactos os decretos dos sindicatos nacionais, casas do povo e grêmios do comércio e industria. Estes organismos possuem hoje direcções eleitas livremente. Onde há, portanto, qualquer restrição da sua liberdade?

Os organismos de coordenação económica

E o nosso entrevistado continua:

—O dr. Jacobetty Rosa entende que a organização está por acabar, faltando-lhe o fecho da corporação. Mas reconhece—e é bom aceitar as confissões uteis, para que não possam ser retiradas—que, apesar de truncada, a organização fez trabalho util, reunindo materiais e criando um potencial de estudo e de acção que antes não existia. Adiante, e de harmonia com uma classificação originalíssima, entra na

fase «cominosa» dos organismos de coordenação económica. E—ao contrario da tendencia geral dos seus confrades em opposição, que declamam contra «os grêmios» com tanto ardor—o vosso entrevistado insurge-se porque destes se desviou, na medida em que houve tempo para o fazer, a acção de intervenção. Se se não dá por satisfeito, é porque os grêmios não desenvolveram uma actividade mais larga. Não vale a pena discutir a fundo a questão, que pode ser tratada em família pelos diversos objectores que têm aparecido e estarão para aparecer. Depois de se collocarem de accordo os dres. Palma Carlos e Acácio Gouveia, que querem que acabem os grêmios, com o dr. Jacobetty Rosa que os deseja ver ampliados e fortalecidos, será, então, a altura de se conversar.

«Entre nós o fenómeno cooperativo nunca logrou atingir grande extensão...»

O nosso entrevistado acrescenta ainda:

—Resumindo, o dr. Jacobetty Rosa queixa-se de que os grêmios não tiveram liberdade bastante para trabalhar e acha que o Estado intertem demais. Nisto está em desacordo com aqueles seus correligionarios que, apesar de democratas, são apaixonados partidários do socialismo de Estado e que detestam a organização corporativa exactamente porque ela constitue a unica tentativa séria para salvar do naufrágio a iniciativa privada e a personalidade humana, no seu conteúdo economico e social. Nisto—sobretudo se fôssemos capazes de descobrir completamente o pensamento do illustre contabilista—estava tentado em concluir que o dr. Jacobetty Rosa vê mais claro que alguns dos seus confrades. Pena é que o entrevistado do «Diário de Lisboa» tivesse esquecido que a maior guerra de todos os tempos abriu um parentesis na evolução natural das instituições e lhes impôs novos encargos e responsabilidades novas.

—E quanto á solução das cooperativas?

—Sim, já vi apontada essa solução. De facto, o que há de mais interessante, quanto ao aspecto economico, nas declarações do dr. Jacobetty Rosa é que nos aparece com um programa. Não é notável pela extensão, ou pela precisão, ou pela originalidade, o programa do dr. Jacobetty Rosa, mas sempre é melhor que nada. E quando este movimento de ataque, por mais que se peça e por mais que se esforce, não consegue produzir um programa, não pode deixar de haver boa vontade para quem, isolado, aparece com um programzinho. Só resta saber se o aceitam os outros opositores. Quem não vai gostar nada, é, por exemplo, o dr. Acacio Gouveia, que préguo o puro individualismo economico e defende calorosamente os interesses do commercio livre.

Depois:

—Ficam mal parados o dito individualismo e os ditos interesses com essa solução que o dr. Jacobetty Rosa preconiza como universal panacea para os males de que padece a economia e que consiste na fórmula cooperativa. Também não entraremos no debate. Simplesmente assinalaremos que, ao contrario do que se diz na entrevista, o sistema corporativo português teve sempre em consideração a possibilidade do recurso ás cooperativas. Os sindicatos podem promover entre os seus associados a organização de cooperativas de produção e consumo. As Casas do Povo têm identica facilidade, assim como as Casas dos Pescadores. No que se refere aos grêmios da lavoura, a solução cooperativa é encerrada com a mais larga extensão, permitindo-se-lhes promover e auxiliar a formação de cooperativas de produção, de consumo, de seguro e de crédito ou qualquer outra forma de cooperação permitida por lei. Há aqui o bastante para contentar—supomos nós—todos os discípulos de Charles Gide.

—mas não se contenta o dr. Jacobetty Rosa. E o dr. França Vigon comenta:

—A não ser que se culpe o Estado porque não haja instituído cooperativas por decreto, filiando nelas á força os produtores ou os consumidores... Facultou aos interessados a sua constituição por iniciativa dos sindicatos, dos grêmios da lavoura, das Casas do Povo e dos Pescadores, e nada mais podia fazer. E não pode surpreender-nos que se não multiplicassem as iniciativas, embora algumas se registem com certo interesse.

E, a rematar, declara-nos:

—Ao desenvolvimento do cooperativismo teórico não correspondeu em parte alguma a sua paralela difusão no dominio dos factos. Entre nós, o fenómeno cooperativo nunca logrou atingir grande extensão, como pode ver-se no tom melancólico em que se lhe refere um seu apologeta, o Professor Raul Tamagnini.

Vida desportiva

FUTEBOL

Castigos aplicados pela A. F. L.

A direcção da Associação de Futebol de Lisboa applicou as seguintes suspensões a jogadores, por motivos ocorridos no passado domingo: Fernando Alves, do Chelas, 2 jogos; Mário da Costa Serio, do Belenenses, 3 jogos; Joaquim Segurado, do Caisais, 3 jogos; António Marçal, do Sport Lisboa e Olivas, 3 jogos; Domingos Carvalho, do Sacavenense, 1 jogo; Manuel Pais, do Vitória, 3 jogos, e António Nunes Gomes, da C. U. F., 2 jogos.

Arbitros para a jornada do próximo domingo

Foram nomeados os seguintes arbitros para domingo, na I Divisão: Sporting-Estoril, Carlos Canuto; Atlético-Belenenses, Luiz Martins Magalhães; Benfica-C. U. F., Domingos Godinho.

II Divisão: Marvilense-Fósforos, Abel Ferreira; Sacavenense-Chelas, Fausto dos Santos; Futebol Benfica-Casa Pia, Américo Graça; Sport Lisboa e Olivas-Operário, António Rodrigues Santos.

Médico desportivo

O sr. ministro da Educação Nacional nomeou médico da Direcção Geral de Educação Física, e Desportos o sr. dr. João Ramada Curto, desportista e médico muito conhecido.

AS OBRAS DO ESTADIO

Nas obras do Estádio de Lisboa foram gastos, durante o mês de setembro, 207.117\$88.

Estatutos aprovados

Foram aprovados os estatutos dos novos clubes desportivos Ases Valboense Foot-ball Club e Sport Lisboa e Nelas.

F. N. A. T.

Insignia desportiva

Os concorrentes á prova de Insignia desportiva organizada pela F. N. A. T. fazem a prova de lançamento no próximo sábado, ás 16 horas, no campo de Belém, e a prova de corridas no próximo domingo, ás 10 horas, no referido campo.

Movimento marítimo

De Filadélfia, chegou hoje a Lisboa o vapor jugoslavo *Sreca*, com um carregamento de 6.635 toneladas de trigo. É a primeira vez, depois da guerra, que vem ao nosso país um barco daquela nacionalidade.

—De Baltimore, chegou o vapor «Pungue». Naquella cidade faleceu o moço de convés José Sequeira, de Lagos, residente em Lisboa, na rua Moraes Soares, 151, 4.º.

—Do mesmo porto chegou o vapor «Cabo Verde», com 4.793 toneladas de carvão.

CARREIRAS AÉREAS

Seguiram hoje, por via aérea, para Espanha, 114 quilos de penicilina da remessa de 650 quilos, vindos da América do Norte, no «Clipper».

—O quadrimotor da Companhia Americana Trans-World, que em voo experimental, via Argel-Casa Branca, chegou ao aeroporto, na quarta-feira passada, seguiu para os Estados Unidos, via Açores, com funcionarios de administração norte-americana. Esta companhia deve substituir o A. T. C. para uma nova linha comercial.

Beneficência

Para a compra de um aparelho ortopédico, de que carece uma criança, a que nos temos referido, recebemos mais 50\$00 de C. A. o 50\$00 de «um menino de 12 anos que também usa aparelho». Registamos e agradecemos, com a indicação de que já está atingida a verba necessaria para o fim que se tinha em vista.

MORTO POR ELECTROCUCÃO

FIGUEIRA DA FOZ, 24.—(Pelo telefone). —Morreu instantaneamente, por ter subido a um poste de alta tensão, em Salmanha, extremo da cidade, Manuel da Silva Ramos, de 8 anos, residente no Bairro da Estação, filho de Benedito Ramos e Maria José Teodoro. O cadaver foi retirado, muito queimado, pelos bombeiros.

SUFRAGIOS

Phelita Correia

Passa depois de amanhã o 3.º anniversario do falecimento da actriz-cantora Phelita Correia. Sua familia manda celebrar missa, nesse dia, ás 10 horas, na basilica da Estrela.

REUNIÃO DE CASAPIANOS

Amanhã, pelas 20 horas, no salão Imperium, escadinhos de Santa Justa, reúnem-se os antigos alunos da Casa Pia, que saíram daquelle estabelecimento de ensino há 35 anos.

Jóias — Pratas antigas

Compramos sempre por bom preço
BARRETO & GONÇALVES, L.ª
AVALIADOR OFICIAL
17. Rua Eugénio dos Santos. 19

Restaurante «As Bandeirinhas»

Amanhã, feijoada á brasileira, não faltando com a carne seca, Poço do Borratém, 17 o 18.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Electorado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 I. 10	994\$	—	—
Consolidado 3 1/2 I. 10	1.022\$	1.021\$	1.023\$
Consolidado 3 1/2 I. 10	1.062\$	1.061\$	1.062\$
Consolidado 3 3/4 I. 10	1.022\$	1.020\$	1.024\$
Centenários 4 %	2.498\$	2.498\$	2.500\$
Obrigs. T. 2 1/2 1942	—	998\$	1.002\$
Obrigs. T. 2 1/2 1944	—	998\$	—
Externas 1.ª série	—	1.850\$	1.860\$
Externas 1.ª carimbadas	—	1.750\$	1.820\$
Externas 3.ª série	—	—	1.950\$
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.800\$
Caut. da 3.ª série s/juro	—	288\$	294\$
Ações			
Esp. St.º e Com. L.ª port.	—	2.600\$	2.640\$
Lisboa e Açores port.	—	1.030\$	1.045\$
Ultramarino cp. I. p.	790\$	787\$	792\$
Portugal port. I. p.	—	—	1.730\$
Mundial	1.680\$	1.675\$	1.690\$
Nacional	—	1.680\$	—
Agua Lisboa port. ...	—	220\$	—
Agua Lisboa 1934 T.p.	—	—	227\$
Agua Lisboa 1936 T.p.	—	—	223\$
Cervejas Estrela ...	—	1.830\$	1.860\$
Cimentos Tejo	—	720\$	780\$
Cimentos Leiria I. p.	—	775\$	800\$
Crédito Predial port.	—	29\$	30\$
Gás e Electricidade cup.	348\$	348\$	349\$
Alt. Alentejo cupão...	645\$	648\$	649\$
Industrial Aliança ...	—	425\$	430\$
Portugal e Colónias ...	352\$	352\$	352\$
Nacional Naveg. I. p.	1.044\$	1.044\$	1.046\$
Colonial Navegação ...	—	1.330\$	1.345\$
Portug.ª de Pesca I. P.	—	910\$	—
Ind. Farmaceutica ...	—	1.370\$	1.400\$
Port.ª de Tabacos cupão	620\$	619\$	621\$
Tabacos Portugal cupão	732\$	732\$	735\$
União Electrica Port.ª	—	722\$	725\$
Casseque	1.167\$	1.167\$	1.168\$
Agricultura das Neves	805\$	805\$	810\$
Agricultura Colonial ...	528\$	528\$	529\$
Açúcar de Angola ...	1.970\$	1.968\$	1.970\$
Buzi	214\$	213\$	214\$
Ilha do Principe ...	—	670\$	680\$
Zambézia I. de 25 ...	128\$	128\$	128\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 %	550\$	550\$	553\$
Norte de Portugal 5%	112\$	111\$	—
C. P. 6 %	—	289\$	—
C. P. 6 % Beira Baixas	—	309\$	—
F.N.L. Moagem 5% T.p.	1.020\$	1.020\$	1.030\$
União Electrica 4 1/2...	111\$	111\$	112\$

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 25482 RUA DA PRATA. 48

ACABA DE APARECER

INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL DE

EÇA DE QUEIROZ

Estudo biográfico, por Edgard Marques

Estudo de espirito de Eça através da sua formação literária. Um ensaio admirável traçado com...

1 VOL. DE 244 PAGINAS 15\$00

LIVRARIA GUIMARÃES & C.

sericordia, 68

De Gaulle prepara

as bases de um acôrdo de govêrno
com os três partidos mais fortes

PARIS, 24.—De Gaulle e seus conselheiros preparavam ontem à noite o programa-base para o acôrdo entre os três grandes partidos, no caso de De Gaulle ser convidado, pela Assembleia Constituinte, a chefiar o novo govêrno. É provável que De Gaulle consulte os chefes dos três partidos—comunistas, socialistas e católicos da esquerda—sobre o seu programa, durante os próximos dias. Se essas consultas forem bem sucedidas, a posição política deve ficar esclarecida, quando a Assembleia se reunir no dia 6 de novembro. Léon Blum, o velho chefe socialista francês, mostrou-se optimista sobre as possibilidades de formar um govêrno dos três partidos unidos num programa de reformas economicas. Disse ontem à noite:

—Todos os três partidos se encontram essencialmente de acôrdo sobre os princípios das reformas básicas economicas, como foram estabelecidas pelo Conselho Nacional de Resistência.

O orçamento dos trabalhadores suscita aplausos

LONDRES, 24.—Embora se espere grande numero de ataques da opposição quando se iniciar, hoje, o debate sobre o orçamento da Camara dos Comuns, é agora virtualmente certo que não haverá um ataque conjunto das direitas à primeira declaração do govêrno trabalhista sobre a sua politica financeira.

O primeiro orçamento de uma série que o chanceler do Tesouro, Hugh Dalton, apresentou, parece ter sido bem recebido em todos os circulos e os louvores que lhe são consagrados pelos órgãos conservadores e liberais, assim como pelos trabalhistas, dão a impressão de que se trata de um orçamento cuidadosamente estudado e oportuno.

Segundo as indicações desta manhã, a opposição das direitas deve concentrar-se na recusa, afirmada por Dalton, de abolir o imposto sobre a compra de automóveis e a sua decisão de elevar a sobretaxa sobre os rendimentos excedendo 2.000 libras esterlinas. Também é provável que alguns deputados se manifestem contra o imposto sobre o excesso de lucros, embora tenha sido reduzido na proposta orçamental em 60 por cento.—(Reuter).

Agentes da Gestapo executados na Dinamarca

COPENHAGUE, 24 — Foram esta manhã executados 7 nazis, que pertenceram à Gestapo e às forças das S. S. e que, durante o periodo de ocupação da Dinamarca, assassinaram 73 patriotas dinamarqueses e exterminaram muitos membros das famílias dos referidos patriotas, incluindo mulheres e crianças.—(U. P.).

Na Checo-Eslováquia

PRAGA, 24—A rádio anuncia que o Tribunal do Povo em Praga condenou à morte J. J. Halisch, agente da Gestapo alemã. O mesmo tribunal condenou outros seis traidores a prisão de 8 para 15 anos.—(R.).

Uma sensacional entrevista com Fernando Pessa

Uma grande entrevista que é um grande exlto jornalístico. O que o popular locutor português da B. B. C. tem a contar aos seus radioouvintes portugueses. Leia amanhã «Vida Mundial Ilustrada»—um grande numero de uma grande revista!

Café Restauração

103 — Rua 1.º Dezembro, 107
Telefone 29495

Iniciou a venda de café a peso, lote igual ao servido à chavena.

IMPERIUM SALAO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T.27527

Blum acrescentou que os três partidos teriam de estabelecer uma Constituição durante os sete meses antes das próximas eleições e que não seria difícil chegar a um acôrdo sobre a selecção das reformas que nós todos desejamos».

O principal problema que o novo govêrno terá de encarar, quando se constituir, será o problema financeiro. Os observadores franceses esperam que os trabalhadores e empregados de todas as categorias insistam por um aumento de salarios que lhes permitam fazer face à brecha aberta entre os níveis de salario e do custo da vida. Os subsídios do Estado para auxiliar a produção parecem inevitáveis e, a não ser que se possam contrair grandes empréstimos internos, o orçamento do Estado, na opinião de alguns observadores, deve apresentar um «déficit» crescente com recurso aos empréstimos do Banco de França.

O problema de encontrar a forma de fazer parar a subida dos salarios e dos preços será o primeiro que o novo govêrno terá de enfrentar.

Na reunião de ontem do Ministerio, o ministro do Interior, Adrien Tixier, anunciou que 96,5 por cento dos votos registados na Argélia, eram favoráveis a uma unica Camara e 71,4 por cento eram favoráveis aos grandes poderes concedidos ao govêrno enquanto se redige a nova Constituição.—(Reuter).

Os ultimos apuramentos

PARIS, 24 — A disputa para a preponderancia na próxima Assembleia Constituinte Francesa entre os comunistas, os socialistas e os católicos das esquerdas ainda não estava resolvida ontem à noite, pois não estão verificados os resultados relativos a 64 deputados. Esses deputados devem ter sido eleitos em possessões longinquas, como as Ilhas do Diabo, a Nova Caledônia, Camões e Pondichéri, na Índia. Pouco menos de 200.000 votos dão aos comunistas a sua situação actual, no numero total de eleitores de 19.852.876. Os resultados finais nos circulos da França metropolitana, que são 522, num total de 586, são os seguintes: Comunistas e grupos afins, 5.004.121 votos; socialistas e grupos afins, 4.808.681; Movimento Republicano Patriótico (Católicos das esquerdas), 4.580.222; Radicais e grupos afins, 1.600.916; e partidos das direitas obtiveram 2.886.095; votos não contados, 508.639.—(R.).

A infiltração comunista

LONDRES, 24 — O correspondente, em Paris, do jornal «Daily Worker», diz que o Partido Comunista já agora «estabeleceu profundas raizes em todos os recantos da França e entre todos os sectores do povo. Em 1936, por cada deputado comunista, eleito por Paris, era apenas eleito, na provincia, 0,71. Em 1945, por cada deputado eleito em Paris—onde o partido actualmente ganhou grande incremento—foram eleitos quatro na provincia». O correspondente acrescenta que os comunistas, tendo ganho 152 lugares, deveriam ter obtido aproximadamente, 200, se não fôra «uma indevida e pouco eficiente divisão dos circulos eleitorais».—(R.).

MORADIA

Compro, até 500 contos, com ou sem mobília, desde a Parêde até Cascais, ao próprio. Tel. 28553.

Quisling

foi fuzilado
esta manhã

OSLO, 24—Vidkun Quisling, condenado à morte por alta traição, foi fuzilado na fortaleza de Akershus, no porto de Oslo. Esta informação foi publicada pelo jornal «Aften Posten». Ainda não há qualquer confirmação oficial da noticia.—(R.).

O rei Haakon tinha recusado a comutação

LONDRES, 24—A embaixada da Noruega confirmou que Vidkun Quisling foi fuzilado às 2 horas e 40 minutos (Gmt.) de hoje. Ontem, o rei da Noruega presidiu a uma reunião do gabinete, tendo ficado resolvido não atender o pedido de comutação.—(Reuter).

Dois submarinos alemães

escondidos na Noruega

OSLO, 24 — Comunicam de Trondheim que, nas proximidades daquele porto, foram encontrados escondidos, num «fjord», dois submarinos alemães cujas tripulações devem ter desembarcado, internando-se no interior do país. Várias brigadas de tropas norueguesas estão a procurar activamente os referidos marinheiros alemães.—(U. P.).

Grandes inundações no Congo Belga

LEOPOLDVILLE, 24—Uma violenta trovoad, com chuvas diluvianas, caiu sobre esta cidade. Numerosas casas sofreram graves estragos e outras ficaram completamente destruidas. O edificio da radiodifusão, por esse motivo, não pôde transmitir o programa da manhã.—(U. P.).

Política espanhola

MADRID, 24—Deve ser hoje publicado, no Boletim Oficial, o decreto autorizando o Chefe do Estado a submeter ao «referendum» publico quaisquer leis de importancia especial ou de grande interesse para o país, de acôrdo com a decisão adoptada na reunião ministerial em 12 de outubro.—(Reuter).

Getúlio Vargas recebeu

os documentos de unificação ortográfica da lingua portuguesa

A embaixada do Brasil recebeu, ontem à noite, um telegrama do Ministério das Relações Exteriores, a comunicar que, às ultimas horas da tarde, o embaixador dr. João Neves de Fontoura e o dr. Pedro Calmon, acompanhados dos membros da Comissão do Vocabulário da Academia Brasileira de Letras—da qual fazem parte os srs. José Carlos de Macedo Soares, Cláudio de Sousa, Rodolfo Garcia e Afonso de Taunay—tinham sido recebidos pelo presidente Getúlio Vargas, ao qual fizeram entrega dos instrumentos firmados em Lisboa pela Conferência Interacadémica para a unificação ortográfica da lingua portuguesa.

Segundo o mesmo telegrama, o dr. Pedro Calmon, presidente daquela Academia e também da delegação brasileira à recente conferência de Lisboa, fez ao Chefe do Estado um minucioso relato dos trabalhos, destacando o esforço de ambas as delegações e o espirito de estreita cooperação que reinou em todas as sessões.

O Presidente Getúlio Vargas agradeceu e felicitou a Academia Brasileira pela feliz conclusão daqueles importantes trabalhos.

Está em elaboração o decreto-lei mandando adoptar as decisões tomadas pela Conferência Interacadémica de Lisboa.

A troca

de embaixadores
entre a Austria e a Rússia

LONDRES, 24.—O correspondente do «Times» em Viena, informa que vai fazer-se troca de representantes diplomaticos entre o govêrno provisório austriaco e o govêrno russo, por sugestão deste, apresentada numa carta do marechal Koniev ao dr. Renner. A decisão foi tomada em Moscovo sem discussões prévias entre os membros do Conselho das quatro potências aliadas, em Viena. O correspondente do «Times» entende que deve surgir uma situação extremamente complicada se a Rússia enviar representantes diplomaticos para a Austria. O govêrno provisório junto do qual esses representantes serão acreditados não é a suprema autoridade na Austria, pois está subordinado ao conselho dos Aliados, e essa situação manter-se-á, mesmo depois das eleições. Parece, por isso, que o representante diplomatico russo será, na realidade, um conselheiro politico estabelecendo ligação entre o marechal Koniev e o dr. Renner e o govêrno de Moscovo.—(R.).

A situação da Roménia

BUCARESTE, 24—As fábricas Unilever, que sofreram durante a guerra, estão agora a vender quasi toda a sua inteira produção para o exército russo, segundo foi hoje declarado pelo director dessa firma, J. Hansard. Aquêle industrial disse ainda que as fábricas Unilever podem desenvolver consideravelmente a sua produção na Roménia e empregar capitais em novas industrias desde que haja confluência no govêrno do país.

A emissora desta cidade anunciou que chegaram à Roménia, enviados da Rússia, mil autocarros. Vão ser utilizados para o serviço regular de passageiros, a fim de atenuar a crise do tráfego dos caminhos de ferro.

O preço do ouro subiu rapidamente. Depois do ministro das Finanças ter anunciado que as dividas do Estado seriam de futuro pagas com um novo tipo de titulos do Tesouro.—(R.).

A situação na Hungria

BUDAPESTE, 24—A rádio desta cidade disse ontem que o exército vermelho entregara de novo todos os caminhos de ferro húngaros ao Estado húngaro. O presidente da comissão de fiscalização aliada na Hungria, marechal Voroshilov, assinou os documentos de transferência oficial, ontem, em Budapeste.

Todos os cidadãos húngaros, menos a policia e o clero, podem ser convocados para trabalhos publicos obrigatórios, segundo um outro decreto publicado ontem e citado pela rádio — (Reuter).

A actividade politica dos alemães

BERLIM, 24—O jornal alemão «Der Berliner», fiscalizado pelos ingleses, anunciou que o partido alemão do centro, para a zona britanica, foi restabelecido em Soest, onde o programa do partido foi proclamado pela primeira vez há 75 anos. O principal objectivo politico do partido será o de lutar para que a Renania volte para a posse do Reich alemão.—(U. P.).

«Eu dancei com um criminoso de guerra»

Uma entrevista sensacional com a actriz Sara Rafael, que dançou, na Alemanha, com o dr. Ley—um dos criminosos de guerra a julgar dentro de dias em Nuremberg. Leia amanhã «Vida Mundial Ilustrada»—a revista de actualidades mais europeia de Portugal!

Leia dentro de dias

“VITÓRIA”

DIÁRIO DA TARDE